OBSERVAÇÕES

SOBRE O

ACTUAL ESTADO DO ENSINO DAS ARTES

EM PORTUGAL

A ORGANISAÇÃO DOS MUSEUS

E O

SERVIÇO DOS MONUMENTOS HISTORICOS E DA ARCHEOLOGIA

OFFERECIDAS Á COMMISSÃO

NOMEADA POR DECRETO DE 10 DE NOVEMBRO DE 1875

POR

UM VOGAL DA MESMA COMMISSÃO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1875

OBSERVAÇÕES

SOBRE O

ACTUAL ESTADO DO ENSINO DAS ARTES

EM PORTUGAL,

A ORGANISAÇÃO DOS MUSEUS

E O

SERVIÇO DOS MONUMENTOS HISTORICOS E DA ARCHEOLOGIA

OFFERECIDAS Á COMMISSÃO

NOMEADA POR DECRETO DE 10 DE NOVEMBRO DE 1875

POR

UM VOGAL DA MESMA COMMISSÃO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1875

A commissão agradecerá cordialmente quaesquer observações, noticias ou suggestões ácerca dos assumptos tratados no presente opusculo, e pede ás pessoas que n'este intuito lhe queiram fazer communicações o favor de as dirigirem com toda a brevidade ao presidente, marquez de Sousa Holstein, largo do Calhariz, n.° 23, Lisboa, ou ao secretario, Luciano Cordeiro, rua de S. Paulo, n.° 111, Lisboa.

Aos srs. directores e redactores dos jornaes de qualquer indole ou caracter politico ou litterario roga o obsequio de apreciarem nas suas folhas este trabalho, remettendo a um dos vogaes acima designados um exemplar dos artigos que a este respeito houverem publicado.

A commissão deseja acertar no desempenho da tarefa para que foi nomeada; espera a coadjuvação de todas as pessoas que de perto ou de longe a possam auxiliar.

Lisboa, 7 de dezembro de 1875.

O secretario,

Luciano Cordeiro.

DECRETO

Considerando que o ensino das bellas artes professado nas duas academias de Lisboa e Porto já hoje não corresponde aos fins da sua instituição;
Considerando que a fundação de um museu de bellas artes não só é de provada conveniencia para os estudos respectivos e credito da civilisação do paiz, mas tambem ha de trazer grande vantagem a differentes investigações relativas á historia da patria;
Considerando quanto importa evitar que muitos monumentos historicos e numerosos objectos archeologicos ainda existentes no reino continuem sujeitos ao destino que a ignorancia ou a cubiça possam dar-lhes;
Considerando que a commissão nomeada por portaria de 22 de março de 1870 não póde continuar os trabalhos de que fôra então incumbida por se terem ausentado e escusado alguns dos seus vogaes:
Hei por bem decretar o seguinte:
Artigo 1.º É nomeada uma commissão para propor ao governo:
1.º A reforma do ensino das bellas artes nas duas academias de Lisboa e Porto;
2.º O plano de organisação de um museu de pinturas, esculpturas, desenhos, gravuras, arte ornamental e archeologia;
3.º As providencias que julgar mais adequadas á conservação, guarda e reparação dos monumentos historicos e dos objectos archeologicos, de importancia nacional, existentes no reino.
Art. 2.º A commissão será composta do marquez de Souza Holstein, par do reino, vice-inspector da academia real de bellas artes de Lisboa; condes de Samodães e Valbom, pares do reino e ministros d'estado honorarios; Carlos Maria Eugenio de Almeida, par do reino e provedor da casa pia de Lisboa; conselheiro Francisco de Assis Rodrigues, director geral da academia real de bellas artes; Thomás de Carvalho, socio da academia real das sciencias e director da escola medico-cirurgica de Lisboa; Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, socio da academia real das sciencias; Augusto Filippe Simões, lente da faculdade de medicina da universidade de Coimbra; Antonio Thomás da Fonseca, professor da academia real de bellas artes; Antonio Victor de Figueiredo Bastos, professor da mesma academia; Thadeu Maria de Almeida Furtado, professor da academia portuense de bellas artes; Augusto Carlos Teixeira de Aragão, director do gabinete numismatico da Ajuda; Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto das obras da casa real; José Maria Nepomuceno, academico de merito da academia real de bellas artes; e Luciano Cordeiro: os quaes elegerão de entre si presidente e secretario.
Art. 3.º A commissão observará nas propostas que apresentar ao governo a maior economia de despeza compativel com o pensamento a que têem de responder os seus trabalhos.
O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, em 10 de novembro de 1875.=Rei.=*Antonio Rodrigues Sampaio.*

EXTRACTO DA ACTA

DA

SESSÃO DE 6 DE DEZEMBRO DE 1875

A commissão, applaudindo e louvando o trabalho intitulado *Observações sobre o eetado do ensino das artes em Portugal, etc.*, que lhe foi apresentado, e considerando que elle constitue um importante conjuncto de informações e subsidios para o estudo e resoluções de que ella foi incumbida, resolveu:

1.º Que se agradecesse ao seu auctor o sr. marquez de Souza o seu dedicado auxilio;

2.º Que se pedisse ao governo que mandasse fazer uma edição de quatro mil exemplares d'aquelle trabalho;

3.º Que o referido opusculo fosse enviado a todos os jornaes, profusamente distribuido e posto á venda por um preço baixo;

4.º Que se lhe acrescentasse uma advertencia pedindo a todos os redactores dos jornaes que o apreciem nas suas folhas, enviando d'ellas um exemplar ao presidente ou secretario da commissão, e pedindo igualmente ás pessoas que sobre elle tiverem algumas observações que apresentar o favor de as enviarem a um d'estes vogaes.

Está conforme. = O secretario, *Luciano Cordeiro.*

OBSERVAÇÕES

SOBRE O

ACTUAL ESTADO DO ENSINO DAS ARTES

EM PORTUGAL

A ORGANISAÇÃO DOS MUSEUS

E O

SERVIÇO DOS MONUMENTOS HISTORICOS E DA ARCHEOLOGIA

I

ENSINO

É professado nas academias de Lisboa e Porto, nos institutos industriaes das mesmas cidades, na universidade de Coimbra, nas escolas polytechnicas de Lisboa e Porto, e nos lyceus.

1

Academia de Lisboa

Foi fundada em 1836 com um pessoal immenso e uma dotação superior a 20:000$000 réis. Os estatutos dados n'aquella epocha ainda hoje vigoram, mas quasi só nominalmente. Muitas das suas disposições são inexequiveis; algumas foram alteradas por leis e regulamentos posteriores, outras tem sido modificadas na pratica. Estes estatutos, por outro lado, são muito deficientes; algumas deficiencias foram suppridas por actos do poder executivo, outras não poderam sê-lo, e são as mais importantes, por depender a sua alteração do poder legislativo.

A organisação actual da academia é a seguinte:

Para a matricula exige-se apenas dez annos de idade e exa-

me de instrucção primaria. O primeiro curso a que todos os alumnos são obrigados é o de desenho, dividido em quatro annos, e comprehendendo as seguintes materias: desenho geometrico, elementos de desenho de figura, desenho de ornato, desenho de architectura, desenho de paizagem, desenho do antigo, desenho do nú. Estas aulas, com excepção de ornato, não têem professores especiaes, mas são regidas, sem gratificação alguma, pelos professores das aulas superiores. O professor de ornato não pertence ao quadro, e tem o ordenado annual de 200$000 réis. Ultimamente foram os discipulos obrigados a frequentar durante o segundo e terceiro annos uma aula de elementos de anatomia professada na academia; durante o segundo anno uma aula de elementos de historia e chorographia; durante o terceiro anno uma aula de historia de Portugal; e durante o quarto uma aula de historia da Grecia, de Roma, do renascimento e de Portugal, sendo estas tres aulas professadas tambem na academia. Por esta fórma procurou-se corrigir até certo ponto a falta de instrucção theorica com que os alumnos saíam da academia, depois de terem completado os seus estudos praticos. Comtudo o ensino theorico ainda hoje é muito insufficiente. É necessario obrigar os alumnos d'este curso elementar de desenho á frequencia de mais algumas aulas, entre outras á de francez, como preparatorio para os estudos artisticos superiores. No fim do anno lectivo ha exames em cada uma das aulas do curso, podendo adjudicar-se seis premios aos estudantes mais distinctos.

Curso de desenho.

Terminado o curso do desenho, podem os alumnos escolher entre as seguintes aulas superiores: architectura, esculptura, pintura de figura, pintura de paizagem, gravura a talho doce. Cada uma d'estas aulas tem um só professor. Os alumnos costumam frequenta-las durante o espaço de quatro ou cinco annos. Alem d'ellas ha tambem a aula de gravura em madeira, organisada provisoriamente.

Aulas superiores.

Fallarei de cada uma das aulas em especial.

Architectura: é n'esta aula que mais se notam as deficiencias e faltas do actual ensino. A architectura não constitue, como de-

Architectura.

via, um curso, e póde dizer-se que na academia o que hoje se professa é simplesmente o desenho architectonico. Ha um só professor incumbido, com o titulo de professor de architectura, de ensinar aos estudantes do curso de desenho os rudimentos do desenho de architectura, e ao mesmo tempo de leccionar os alumnos que frequentam a aula superior de architectura. Alem d'isso, este professor é hoje temporario, desde que falleceram os dois professores proprietario e substituto d'aquella aula, vistoque por lei não é hoje permittido prover definitivamente os logares do professorado do ensino secundario e especial. Vence a remuneração de 200$000 réis annuaes.

A aula actual de architectura satisfaz ás exigencias do ensino para o curso preparatorio do desenho, mas está muito longe de ser o que deve ser um curso superior de architectura n'uma escola de bellas artes. O architecto carece não só de saber desenho architectonico, mas são-lhe indispensaveis alem d'isto muitos outros conhecimentos theoricos e praticos, artisticos e scientificos. Precisa saber alguma mathematica pura e applicada, deve ser perito na arte de construcções, e conhecer a estereotomia, a archeologia, a historia dos estylos, a historia em geral, etc., etc. O curso de architectura carece pois de ser organisado em todas as suas partes. Não será talvez para isto forçoso crear na academia todas as cadeiras que faltam; poder-se-hão aproveitar algumas que existem em outros estabelecimentos publicos de instrucção.

O que é indispensavel é que se criem os meios para formar architectos, de cuja falta bastante se resentem as construcções publicas e particulares.

Esculptura.

Esculptura: tem igualmente um só professor, o que é sufficiente. A deficiencia principal d'este ensino consiste em que os estudantes d'esta aula, não sendo obrigados senão á frequencia da mesma, e não recebendo instrucção alguma theorica, como seria a archeologia, a historia da arte etc., não podem desenvolver as faculdades naturaes que porventura tenham, e carecem depois de aturado estudo para adquirirem as noções indispensaveis ao

perfeito exercicio da sua arte. Como póde, por exemplo, um esculptor saber compor, se elle ignorar a historia e a mythologia? Como póde ser rigoroso nas suas obras, se não tiver conhecimentos archeologicos?

Pintura de figura.

Pintura de figura: applicam-se a esta aula as considerações que fiz ácerca da de esculptura, convindo acrescentar que o pintor deve tambem ter alguns conhecimentos de chimica para o perfeito manejo de suas tintas, e deve ser perfeitamente instruido em perspectiva. Os alumnos da actual aula de pintura de figura da academia não recebem noções algumas da primeira d'estas sciencias, e são instruidos na perspectiva tão sómente pelo ensino do seu professor de pintura, de cuja boa vontade e conhecimentos n'esta sciencia depende exclusivamente n'este ponto a instrucção dos mesmos alumnos.

Pintura de paizagem.

Pintura de paizagem: tem igualmente cabimento a respeito d'esta aula o que disse das duas antecedentes, cumprindo apenas acrescentar que esta aula, abrangendo o ensino não só da pintura de paizagem, mas da pintura de animaes, só póde ministrar este ensino pelo natural no que respeita á segunda parte. Os alumnos copiam animaes vivos, mas o systema de ensino não está organisado para que possam ir copiar no campo a natureza. É uma falta importante que é indispensavel remediar.

Gravura a talho doce.

Gravura a talho doce: sobre esta aula só ha a dizer que os alumnos que a frequentam deveriam ser obrigados a estudarem algumas das aulas theoricas já apontadas, como historia, historia da arte, etc.

Exames e premios.

É singular que pelos estatutos nenhuma das cinco aulas superiores acima indicadas tenha exames nem premios; apenas de tres em tres annos ha nas aulas de pintura, architectura e esculptura um concurso em que se adjudicam medalhas de prata e oiro. Ora sendo duas as aulas de pintura não se explica por que rasão deva haver um só concurso em pintura, nem tão pouco se percebe por que o não ha em gravura.

A academia propoz ultimamente ao governo um regulamento,

que ainda não baixou approvado, e no qual se organisa um systema de exames e de premios.

Gravura em madeira.

Gravura em madeira: esta aula, como já disse, não pertence verdadeiramente ao quadro da academia. É porém muito necessaria, e convem mante-la, obrigando os discipulos que a frequentarem a seguirem tambem algumas aulas theoricas, que lhes desenvolvam a intelligencia. Actualmente o seu professor não pertence ao quadro da academia, mas é empregado de uma repartição distincta, e addido hoje á academia com o mesquinho ordenado de 200$000 réis annuaes. O curso d'esta aula costuma durar quatro annos.

Aulas supprimidas.

Alem d'estas aulas havia mais pelos estatutos as de gravura de paizagem e de gravura de cunhos e medalhas. A primeira póde dispensar-se, e a segunda poderia com mais proveito organisar-se na casa da moeda.

Pensionarios.

No orçamento do Estado ha a verba de 3:600$000 réis para subsidiar cinco mancebos que são mandados aos paizes estrangeiros aperfeiçoar-se no estudo das bellas artes. Tres pensões são concedidas pela academia de Lisboa e duas pela do Porto. Costumam ser concedidas por cinco annos. Começaram as pensões em 1865 de fórma que até hoje só houve duas turmas de pensionarios. Sendo o numero das pensões inferior ao das diversas especialidades das bellas artes, os concursos para escolha dos pensionarios, são abertos ora em uma ora em outra secção, por fórma que os estudantes de todas possam gosar d'este beneficio. Até hoje a academia de Lisboa tem enviado como pensionarios um pintor de figura, dois architectos, um esculptor e um gravador. Actualmente está a concurso um logar de pensionario em pintura de figura, depois de dois concursos infructiferos para pensionarios em pintura de paizagem.

2

Academia portuense de bellas artes

O que se disse ácerca da academia de Lisboa applica-se tambem

á do Porto. A sua fundação é do mesmo anno, e os seus estatutos são vasados nos mesmos moldes. As cadeiras na academia são quatro: desenho, pintura, esculptura e architectura, havendo, para cada aula um professor. O curso de cada uma é de cinco annos. Os alumnos de esculptura e dos ultimos annos de desenho frequentam a aula do nú. A anatomia é professada na aula de pintura, e obrigatoria para os ultimos tres annos de desenho. O ornato não é professado.

Esta organisação é rudimentarmente a da academia de Lisboa, e conserva com mais rigor as disposições dos estatutos, que na academia de Lisboa tem sido possivel desenvolver e ampliar.

Os defeitos e faltas que apontei na escola de Lisboa manifestam-se portanto na do Porto ainda com mais energia, e tudo quanto ácerca d'aquella se disser é applicavel a esta.

Pensionarios.

Ao que já escrevi sobre este ponto basta acrescentar que até hoje os pensionarios da academia do Porto têem sido dois esculptores, um architecto e um pintor.

3

Institutos industriaes de Lisboa e Porto

N'estes estabelecimentos ha uma cadeira de desenho, que, entre outras disciplinas, ensina tambem o ornato. O seu fim é mais industrial, comtudo na parte em que professa o ornamento, tem não pouca ligação com o ensino artistico propriamente dito. D'estas aulas porém não cumpre occupar-nos, porque pertencem a estabelecimentos de uma indole especial. Mas ao diante tratarei do ensino do desenho applicado á industria.

4

Cadeiras de desenho junto á faculdade de mathematica na universidade de Coimbra, e ás escolas polytechnicas

Estas cadeiras pela sua indole especial não têem que ser estudadas n'este logar.

5

Cadeiras nos lyceus

O exame de desenho é obrigatorio nos exames de instrucção primaria e de portuguez. Estes exames de desenho, que deviam unicamente consistir em desenho linear, tomaram com o tempo maior desenvolvimento, e hoje exigem-se aos estudantes algumas noções de desenho de ornato; não vae longe a epocha em que havia até bastante rigor n'estas provas, de fórma que alguns alumnos habilitados em todos os preparatorios tinham de perder um ou mais annos, porque, sem vocação especial para o desenho, só á custa de muito trabalho conseguiam fazer d'elle exame. Se por um lado é conveniente que todos os estudantes que frequentam a instrucção secundaria encontrem no seu curso meios para se habilitarem nos primeiros rudimentos da arte, se mesmo é conveniente que todos elles estudem o desenho linear, para o qual apenas é preciso um pouco de attenção, sem vocação especial artistica, é indubitavel por outro lado que se não póde, sem grave inconveniente, obrigar todos os alumnos de instrucção secundaria a fazer exame de desenho de ornato ou de figura. Se assim fosse exigido, aconteceria, ou que muitos alumnos nunca viriam a habilitar-se na instrucção secundaria, porque, faltando-lhes vocação para as artes do desenho, nunca poderiam adquirir noções sufficientes para serem approvados, ou que estes exames passariam no decurso do tempo a ser uma mera formalidade, com o unico fim de satisfazer á lei.

O que hoje são.

Parece pois que o exame que deve ser obrigatorio na instrucção secundaria é tão sómente o de desenho linear; nas cadeiras dos lyceus porém dever-se-ía ensinar desenho de ornato e de figura aos alumnos que voluntariamente o quizessem frequentar. Mas para este ensino ser efficaz deveria haver sobre estas cadeiras uma tal ou qual inspecção artistica que hoje não existe, uma certa uniformidade de methodos, boa escolha de modelos, etc. Estas cadeiras dependem hoje exclusivamente dos conselhos dos

O que deveriam ser.

lyceus, nos quaes ha homens competentissimos nas disciplinas que constituem o curso geral da instrucção secundaria, mas de quem se não podem esperar os conhecimentos especiaes que requer o ensino da arte.

Apesar de haver academias em Lisboa e Porto, apesar de haver n'aquella um curso de desenho, ainda hoje não é obrigatoria a frequencia de qualquer d'essas escolas para os individuos que pretendem leccionar desenho nos lyceus.

6

Ensino das artes applicado á industria

O que temos.

Esta parte importantissima do ensino está ainda inteiramente desorganisada entre nós. Alem das cadeiras que existem nos institutos industriaes de Lisboa e Porto, tem a academia de Lisboa desde a sua origem, ministrado um certo ensino de desenho ás classes industriaes. Hoje estão abertas de noite para essas classes as seguintes cadeiras n'esta academia: desenho de ornato, de architectura, de principios de figura e do antigo. A frequencia d'estas cadeiras não constitue porém um curso organisado; não ha exames nem premios, não ha aula de modelação, não existem aulas algumas theoricas tão necessarias para completarem o ensino das aulas praticas. Na academia do Porto não ha ensino de desenho para as classes fabris; e se porventura elle existe na academia de Lisboa é porque os professores se têem prestado, sem remuneração alguma, a acrescentarem com este magisterio voluntario os deveres do seu cargo.

Este ensino apesar de imperfeito e incompleto é comtudo bastante concorrido. As nossas classes industriaes procuram avidamente uma instrucção que infelizmente não encontram tal como haveriam mister encontra-la. Basta lançar os olhos para uma estatistica da academia de Lisboa para verificar a exactidão do que deixo dito. Assim a frequencia das aulas nocturnas, distinadas exclusivamente ás classes fabris, foi a seguinte, no ultimo decennio lectivo:

1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	1871	1872	1873	Total
154	158	121	144	128	99	101	128	143	148	1:324

A ultima estatistica publicada mostra que no anno de 1873-1874 os alumnos que frequentaram as aulas da academia exerciam as seguintes profissões:

Abridores	1	*Transporte*	164
Alfaiates	1	Marceneiros	8
Canteiros	22	Ourives	25
Carpinteiros	28	Pedreiros	4
Douradores	2	Photographos	1
Entalhadores	10	Picheleiros	1
Espingardeiros	1	Pintores	10
Estucadores	3	Pintores de louça	2
Estudantes	86	Professores	1
Gravadores em madeira	2	Santeiros	4
Gravadores em metal	4	Sapateiros	1
Lavrantes	3	Torneiros	3
Lithographos	1		
	164		224

É fóra de duvida que estes algarismos seriam muito mais elevados se fossem melhoradas as condições com as quaes é hoje ministrado esse ensino. Assim não póde duvidar-se que a distancia em que está o edificio da academia dos bairros habitados pela classe fabril, inhibe a muitos operarios a frequencia das aulas nocturnas. A falta de um curso regular em que o ensino seja adaptado ás conveniencias de cada profissão, faz com que estas aulas não sejam tão procuradas como deveriam sê-lo. Finalmente carecendo, como carecem, de exames e premios, não despertam aquelle estimulo, sem o qual as melhores instituições escolares não produzem todo o effeito de que são capazes.

O que deveriamos ter.

Todo este ramo carece pois de ser organisado como pede a sua importancia. Ha innumeras classes de operarios para quem é indispensavel o ensino de desenho; os canteiros, entalhadores, ourives, estucadores, fabricantes de louças e de azulejos, marceneiros, e muitas outras classes ainda, não podem attingir a perfeição dos seus productos, se não acrescentarem noções de desenho á pratica de suas profissões. E não basta que saibam desenhar o ornamento, precisam tambem saber desenhar a figura humana e a dos animaes. Não lhes bastam tambem os conhecimentos do desenho propriamente dito, mas devem tambem saber modelar. A sua instrucção mesmo não ficará completa se não receberem algumas luzes de historia das artes e das regras da composição; precisam aprender a historia dos estylos, e em uma palavra adquirir todos os conhecimentos subsidiarios que não só lhes desenvolvam no geral a intelligencia, mas que tambem os tornem mais aptos a bem conceberem e executarem as suas producções.

Houve tempo, e não vae longe esta epocha, em que se dava o nome de arte tão sómente ás tres mais elevadas manifestações da arte: a architectura, a esculptura e a pintura. Hoje porém não é assim. Percebe-se pelo raciocinio o que os antigos e os italianos do renascimento haviam sentido por instincto. O dominio da arte é com effeito muito mais vasto; abrange tudo quanto nos cerca, todos os objectos de uso quotidiano, os moveis das nossas casas, os fatos que nos vestem, as louças, as pratas, tudo em uma palavra quanto serve para a vida. Em tudo póde e deve haver bello, não só no sentido limitado da ornamentação e decoração, não só no sentido menos restricto da harmonia e proporção, mas sobre tudo no sentido mais lato da perfeita correspondencia entre a fórma do objecto e o seu uso.

O instincto da arte industrial é antigo: a palavra porém é moderna, e modernas são tambem as exigencias do seu estudo. Hoje é um ramo especial dos conhecimentos humanos, scientificamente classificado, com seus principios, suas leis, suas doutrinas. A civilisação moderna obriga as nações, que não querem permane-

cer estacionarias na industria, a cultivarem com esmero a educação artistica dos seus operarios, abrindo aulas em que elles possam instruir-se.

Estas aulas de arte industrial não podem porém ser proficuas sem serem acompanhadas de algumas collecções, como se dirá quando se tratar d'este assumpto.

Mais algumas condições convem ainda ter em vista, como, por exemplo, o serem estas aulas nocturnas, professarem-se nos bairros mais populosos, crearem-se algumas de novo nos centros industriaes mais importantes, etc.

Este ensino n'outros paizes.

Portugal é talvez o unico paiz da Europa que não tenha por ora prestado a devida attenção a este tão importante ramo de ensino. São de sobejo conhecidos os esforços e sacrificios feitos pela Inglaterra ha mais de vinte annos para ministrar aos seus operarios conhecimentos do desenho, desde que em 1851 se tornou patente a sua inferioridade n'este ponto em relação á França. A excellente instituição do *Science & Art Department*, cujo estabelecimento central é o admiravel museu de *South Kensington*, tem produzido abundantes fructos. Este museu tem mais de cento e cincoenta escolas debaixo da sua inspecção directa, e as principaes cidades da Inglaterra apresentam estatisticas na verdade pasmosas: Birmingham, com 300:000 habitantes, tem 1:000 estudantes de desenho; n'estas proporções deveria Lisboa ter mais de 600, quando tem pouco mais de 200. A pequena aldeia de Weston com 8:000 habitantes tem 80 estudantes de desenho. Em França não são menos importantes os resultados alcançados para desenvolver o estudo de desenho nas classes industriaes. Em París cerca de 15:000 operarios frequentam as aulas de desenho.

Em toda a Allemanha, na Russia, nas monarchias scandinavas e até na propria Suissa é unanime o movimento em favor das escolas populares de arte.

Conveniencia d'este ensino.

Nós, que tanto as temos descurado, não podemos invocar em favor da nossa indifferença o argumento de que nos não são pre-

cisas, pois é certo que ha no nosso paiz innumeras profissões que muito poderiam desenvolver-se, e trazer indirectamente o augmento da riqueza publica, se porventura se tratasse com alguma seriedade de pôr ao seu alcance os recursos de que necessitam. São factos conhecidos de todos o desenvolvimento que tem tomado a exportação da cantaria lavrada para o Brazil; a procura que nos mercados estrangeiros têem alguns dos nossos artefactos de ourivesaria e de ceramica; o emprego que torna a ter o azulejo nas construcções modernas; o favor com que são comprados objectos de mobilia antigos, entalhados e marchetados; e o grande numero de officinas que se têem aberto em Lisboa para os reparar ou mesmo imitar.

Basta apresentar estes factos, as conclusões são faceis de deduzir. É evidente que, melhorando os productos n'estas differentes profissões, habilitando os nossos operarios não só a copiar com a sua costumada pericia, mas tambem a inventar, ensinando-os a ter estylo, que elles hoje, por ignorancia, desprezam quando entregues á propria inspiração; habilitando-os a perceber os admiraveis modelos da nossa arte *manuelina*, tão portugueza e tão original, é evidente, dizemos, que muito augmentará o mercado para estes productos, e que se o Estado fizer algum sacrificio na creação de aulas e de museus, será amplamente compensado pelo incremento da industria e portanto da riqueza publica.

Houve já um excellente critico inglez que escreveu um livro intitulado *Political Economy of art.* Parecerá estranho este titulo áquelles que têem para si que os assumptos artisticos são meramente assumptos de luxo dispendioso e dispensavel, com os quaes nada tem a sciencia da economia politica. Mas estes que assim pensam, esquecem-se da immutavel lei da Providencia, que distribuindo as vocações especiaes entre os homens, não consente que seja apto para certas funcções quem ella fadou para outras. Nasce por anno em cada nação, diz J. Ruskin, uma certa quantidade de talento artistico, o qual se for aproveitado produzirá um dia o seu quinhão de trabalho na obra da civilisação, e contribui-

rá para o progresso e desenvolvimento geral, empregando as faculdades especiaes com que foi dotado. Pelo contrario, desprezadas estas, perde-se uma força social, perde-se uma somma maior ou menor de energias individuaes, que eram proprias para certas funcções, não para outras. Nas escolas é que se encontram estas vocações. Sem escolas não podem descobrir-se e aproveitar-se os homens que nasceram para cultivar a arte em alguma das suas multiplices fórmas. Assim como é dever incontestado de todo o bom administrador empregar os agentes naturaes, por fórma que d'elles obtenha o serviço para que estão talhados, assim é dever da sociedade espreitar as tendencias dos individuos e subministrar-lhes todos os meios de que elles possam carecer para o completo desenvolvimento das suas faculdades.

É pois regra de boa e sã economia politica multiplicar as escolas em que os artistas e operarios vão encontrar os elementos de que precisam para dar á sociedade o maximo producto que ha a esperar das suas naturaes inclinações. A escola é o crysol em que se depura e afina aquelle oiro nativo, que se chama vocação artistica, a qual, á similhança da pepita do precioso metal, póde jazer ignorada e desprezada, emquanto mão cuidadosa não vier manifestar ao mundo o seu brilho e o seu valor.

Se porém ficassem ainda algumas duvidas ou hesitações sobre a conveniencia de dar o possivel desenvolvimento ao ensino do desenho applicado á industria, dissipar-se-íam todos os escrupulos perante o seguinte quadro [1].

[1] O quadro que publico é extrahido de um começo de estatistica geral da industria que o zeloso primeiro official da direcção geral das contribuições directas o sr. Serafim Antonio Martins começou a organisar em 1867 com documentos colhidos das matrizes. Não baixou infelizmente ordem para ser proseguido este trabalho, mas é certo que apesar de ter oito annos esta estatistica, não são falsos para a minha these os resultados que ella apresenta. A industria tem-se desenvolvido muito de 1867 para cá, e não póde duvidar-se que o numero de operarios deve ser hoje maior.

Profissões							
	Aveiro	Beja	Braga	Bragança	Castello-Branco	Coimbra	Evora
Abridor	–	–	–	–	–	–	–
Armeiro	–	–	–	–	–	–	1
Azulejos (fabricantes de)	–	–	–	–	–	–	–
Bordador (estabelecimento de)	–	–	–	–	–	–	–
Bronze de pequenas dimensões (fabricante de objectos de)	–	–	–	–	–	7	–
Canteiro (estabelecimento de)	–	–	–	–	–	3	–
Canteiros (officiaes)	–	9	–	4	–	39	31
Carpinteiros de obra miuda com estabelecimento	99	1	–	25	6	182	31
Carpinteiros (officiaes)	1:059	144	1:350	240	502	848	156
Cuteleiros (com estabelecimento)	–	–	19	–	–	–	–
Doiradores, gravadores ou galvanisadores (estabelecimento de)	–	–	–	–	–	2	–
Doiradores, gravadores ou galvanisadores (officiaes)	–	–	–	–	–	–	–
Embutidor (estabelecimento de)	–	–	–	–	–	–	–
Embutidores (officiaes de)	–	–	–	–	–	–	–
Encadernador (estabelecimento de)	–	–	10	–	–	6	–
Encadernadores (officiaes)	3	–	–	–	–	10	–
Entalhador (estabelecimento de)	1	–	2	–	–	–	–
Entalhadores (officiaes)	–	–	–	–	–	–	–
Esculptor em madeira (estabelecimento de)	–	–	3	–	–	–	–
Esculptor em madeira (officiaes)	–	–	1	–	–	–	–
Esteiras finas (fabricante de)	–	–	–	–	–	1	–
Totaes	–	–	–	–	–	–	–

Districtos											Importancia total das collectas pagas
Faro	Guarda	Leiria	Lisboa	Portalegre	Porto	Santarem	Vianna	Villa Real	Vizeu	Total	
–	–	–	13	–	6	–	–	–	–	19	62$200
–	–	–	5	–	5	–	2	1	6	20	70$200
–	–	–	2	–	1	–	–	–	–	3	60$000
–	–	–	2	–	–	–	–	–	–	2	8$000
–	–	–	–	–	1	–	–	1	1	10	15$100
–	–	–	79	–	6	–	–	–	–	88	692$300
36	–	35	512	2	4	25	–	–	–	697	346$370
–	45	21	128	24	32	2	4	97	110	814	847$821
264	294	600	1:595	203	2:190	769	520	292	772	11:788	5:098$995
–	–	20	–	–	–	1	–	–	–	40	162$375
–	–	–	7	–	–	–	–	–	–	9	31$000
–	–	–	20	–	8	–	–	–	–	28	32$000
–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	1	4$000
–	–	–	2	–	–	–	–	–	–	2	2$400
–	1	–	27	–	13	1	–	1	2	61	169$110
–	–	–	63	–	8	–	1	–	2	87	93$078
–	–	–	13	–	18	–	7	–	–	41	100$200
–	–	–	40	–	15	–	–	–	–	55	58$000
–	–	–	10	–	7	–	–	–	5	25	137$000
–	–	–	5	–	9	–	–	–	–	15	15$200
–	–	7	18	–	–	–	–	–	–	26	78$200
–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	13:831	8:083$549

Profissões	Aveiro	Beja	Braga	Bragança	Castello-Branco	Coimbra	Evora
Transporte......	–	–	–	–	–	–	–
Estucador (emprezario)............	–	–	2	–	–	–	–
Flores artificiaes (fabricante de).....	–	–	–	–	–	–	–
Fundição de bronze..............	1	–	2	–	–	1	–
Lapidario......................	–	–	–	–	–	–	–
Leques (fabricante de).............	–	–	–	–	–	–	–
Lithographia (emprezario de).......	–	1	–	–	–	1	–
Lithographos..................	–	–	–	–	–	–	–
Louça de barro ordinaria (fabrica de)	19	6	20	–	2	19	22
Louça de barro (fabricantes ou oleiros)	33	44	244	29	66	130	60
Louça de pó de pedra (fabrica de)...	1	–	–	–	–	–	–
Louça de porcelana (fabrica de).....	1	–	–	–	–	–	–
Dita (officiaes)..................	24	–	–	–	–	–	–
Marceneiro (fabricante)	–	–	–	–	–	–	–
Marceneiro de madeiras ordinarias...	6	6	28	3	6	12	11
Marceneiros (officiaes)	6	34	15	12	3	7	18
Marfim (fabricante de objectos de) ..	–	–	–	–	–	–	–
Mestres de obras................	13	10	94	3	8	26	1
Ourives de oiro e prata	11	–	53	–	1	9	7
Ourives (officiaes)...............	11	3	39	–	–	24	2
Photographias..................	–	–	–	–	–	2	–
Pintor de ornato................	1	–	–	–	–	–	1
Torneiro (estabelecimento de)......	–	–	2	–	–	3	–
Totaes......	–	–	–	–	–	–	–

Districtos											Importancia total das collectas pagas
Faro	Guarda	Leiria	Lisboa	Portalegre	Porto	Santarem	Vianna	Villa Real	Vizeu	Total	
–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	13:831	8:083$549
–	–	–	5	–	32	–	1	7	1	48	207$040
–	–	–	10	–	1	–	–	–	–	11	43$000
–	–	–	11	–	12	–	–	–	1	28	819$200
–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	1	1$500
–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	1	4$000
–	–	–	19	–	5	–	–	–	–	26	186$440
–	–	–	20	–	–	–	–	–	–	20	22$552
12	–	12	38	12	–	19	1	–	–	182	222$400
44	80	84	108	44	21	73	4	40	120	1:224	495$240
–	–	–	5	–	7	–	–	–	–	13	103$000
–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	20$000
–	–	–	–	–	135	–	–	–	–	159	109$200
–	–	–	67	–	23	–	–	–	1	91	1:029$320
1	5	–	214	24	117	2	10	10	25	480	1:209$935
1	3	1	339	2	217	11	10	15	11	705	649$464
–	–	–	12	–	1	–	–	–	–	13	102$000
–	11	5	94	9	216	22	42	56	107	717	1:994$209
5	4	3	114	6	249	5	8	3	6	484	2:391$305
7	–	–	127	–	[illegible]20	1	1	2	–	437	383$850
2	–	–	31	1	9	1	–	–	–	46	318$560
–	–	–	3	–	11	–	2	1	2	21	26$000
–	–	–	50	–	20	–	–	–	–	75	249$770
–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	18:614	18:671$534

N'este quadro faltam algumas profissões, como, por exemplo, a de fabricantes de rendas para as quaes não se encontrou indicação alguma official, talvez por ser principalmente exercida por mulheres; mas é certo que na Madeira, em Setubal, em Peniche se fazem muitas rendas. Ácerca da producção d'este artefacto na ultima villa indicada, temos copia de informações n'um trabalho consciencioso do sr. Pedro Cervantes(1), o qual refere que em 1863 andavam empregadas cerca de mil mulheres n'esse fabrico, cujo valor annual orçava por 20:000$000 réis. Por aqui se póde deduzir o que elle é nas outras localidades. Falta tambem no mappa uma industria que muito póde desenvolver-se no Funchal, a do mosaico de madeira, industria que indispensavelmente carece do auxilio do desenho. Em algumas profissões apontadas falta a indicação do numero de officiaes. Apesar porém d'estas deficiencias temos que ha em Portugal perto de 20:000 pessoas que poderiam com proveito aprender rudimentos do desenho, e que as profissões que elles exercem contribuem annualmente com mais de 18:000$000 réis para a receita do paiz. Não é pois exagerado pedir que se gaste com elles alguns centenares de mil réis para os habilitar a produzir mais e melhor.

7

Pessoal

Professorado

O pessoal actual remunerado das academias de Lisboa e Porto é restrictamente limitado ás necessidades do ensino como elle hoje é professado. É pois forçoso acrescentar este pessoal, se porventura quizermos desenvolver os acanhados limites em que se confrange a acção d'estas academias. É necessario tambem melhorar as remunerações, muitas das quaes, como já se disse, são insufficientes para compensar o arduo trabalho do professorado. Ha hoje entre outros um professor na academia de Lisboa que pela di-

(1) «A industria de Peniche». Lisboa, 1865, 1.º vol.

minuta quantia de 400$000 réis annuaes tem de leccionar de manhã uma aula de principiantes, uma aula superior no meio do dia, e uma aula nocturna para os fabris.

Empregados.

O pessoal administrativo não está organisado. Os chefes das academias não têem ordenado nem gratificação; o secretario da academia de Lisboa, que hoje tem a seu cargo uma repartição de não pouco trabalho, na qual affluem, não só os negocios da escola propriamente dita, mas os das collecções e uma extensa correspondencia, tem apenas 80$000 réis annuaes, e um só empregado mal remunerado para o coadjuvar; os logares de thesoureiro e de bibliothecario póde dizer-se que não existem, poisque são exercidos por dois aggregados, classe hoje extincta e de que ha pouquissimos sobrevivos; desapparecendo os ultimos não é facil saber como a troco de 80$000 e 40$000 réis annualmente, que a tanto monta a gratificação por aquelles empregos, se póde encontrar quem os queira desempenhar.

Academicos.

Pelos estatutos tambem foi creado um pessoal puramente honorario. As academias eram não só escolas, senão corpos superiores artisticos. Assim, alem dos professores, existem ainda os academicos de merito, que são distinctos artistas nacionaes ou estrangeiros, sem numero limitado, e os academicos honorarios, escolhidos entre as pessoas «mais insignes, dizem os estatutos, por sua litteratura, credito publico e amor ás bellas artes». O seu numero foi fixado em seis, mas na pratica tem sido illimitado.

Aggregados.

Havia tambem os aggregados, classe hoje extincta e de que poucos restam, composta dos artistas que haviam sido empregados em obras do Estado, principalmente na Ajuda. Os academicos de merito e os aggregados são chamados a leccionar na falta dos professores.

8

Considerações geraes

A.

Ensino secundario e superior.

Do que fica dito é facil concluir que todo o ensino carece ser organisado sobre novas bases. Conservem-se em Lisboa e Porto duas escolas superiores (e melhor seria que, em vez de academia, se lhes chamasse o que ellas são, escolas), mas distribua-se n'ellas o ensino por fórma mais completa e perfeita. Subdivida-se o ensino em estudo secundario, comprehendendo um curso completo do desenho, como elle está hoje esboçado na academia de Lisboa, e em ensino superior, abrangendo as differentes artes propriamente ditas. Junto ás aulas praticas criem-se aulas theoricas de francez, chorographia, historia em geral, anatomia, historia da arte, archeologia e esthetica; ou, pelo menos para algumas, aproveitem-se as aulas já existentes n'outros estabelecimentos, e obriguem-se os alumnos artistas á sua frequencia. Haja nas differentes aulas amiudados concursos e exames, nos quaes se adjudiquem premios aos mais distinctos alumnos. Organise-se um curso de architectura civil, habilitando assim os que quizerem seguir esta arte a instruirem-se seriamente na sua theoria e na sua pratica. Tomem-se as necessarias providencias para que os alumnos architectos não saiam da escola unicamente providos de conhecimentos theoricos, mas trate-se de lhes dar durante a sua frequencia occasiões para verem de perto a execução de obras e se amestrarem na pratica.

Ensino ás classes fabris.

Junto a estas escolas superiores, e como gravitando á volta d'ellas, haja nos bairros populosos das cidades e em differentes pontos do paiz escolas para ensinar o desenho aos operarios. Sejam estas escolas sobretudo creadas nos logares onde já existem industrias que tendam a desenvolver-se, como, por exemplo, nas Caldas a ceramica, em Guimarães a ourivesaria, em Peniche

e na Madeira as rendas. Dê-se a cada uma d'essas escolas a feição mais propria em relação á industria cujos operarios a devem frequentar; assim nas Caldas ensine-se sobretudo a modelar e pintar louça, em Guimarães amestrem-se os discipulos nos bons principios da toreutica, etc. Só por esta fórma poderemos ter operarios bem habilitados, e fazer com que o sacrificio pedido ao paiz renda bom interesse.

Inspecção e emulação.

Estejam entre si ligadas estas escolas por uma inspecção e fiscalisação central, que as traga sempre providas de bons modelos e regidas por bons professores. Estabeleçam-se concursos geraes em que entrem alumnos de todas estas escolas, cujas obras sejam apresentadas ao publico em exposições centraes, recebendo premio as mais distinctas, para por esta fórma viverem em constante emulação, não só os estudantes, mas os mesmos professores. Confira-se annualmente alguma pequena recompensa pecuniaria ao professor que tiver habilitado maior numero de alumnos, e ao que tiver apresentado o mais distincto discipulo no concurso geral. Este methodo seguido em Inglaterra tem produzido optimos resultados.

Ensino primario.

As aulas do desenho nos lyceus sejam, por assim dizer, a instrucção primaria da arte, obrigatoria para todos no que toca ao desenho linear, mas voluntaria no que respeita aos rudimentos do desenho de figura e de ornato; dê-se sobre estas escolas uma certa inspecção á auctoridade central artistica, principalmente no que respeita a methodos de ensino e modelos. Não se admittam ao professorado senão as pessoas que tiverem pelo menos completado o curso de desenho n'uma escola superior.

Aulas para mulheres.

Olhe-se tambem para o ensino do sexo feminino que hoje não tem escolas onde possa instruir-se no desenho. Esta falta precisa ser remediada, poisque ha bastantes officios a que se podem consagrar as mulheres que tiverem alguns conhecimentos do desenho: pintura de leques, pintura de louças, desenhos de vinhetas para livros illustrados e muitos outros ainda. Hoje que tanto se tem escripto e fallado sobre a necessidade de rasgar novos hori-

sontes á actividade do sexo feminino, não deve desprezar-se qualquer meio que ajude a resolver o problema.

Junto d'estas differentes escolas haja uns pequenos museus, com a feição bem distincta de coadjuvar o ensino da aula, pondo diante dos olhos do discipulo bons modelos. D'estes museus se fallará mais de espaço, n'outra divisão do presente trabalho.

Direcção central.

Organise-se uma certa centralisação para a direcção geral d'esses estudos, por fórma que, ficando cada uma das escolas e aulas individualmente independente, concorram todas para o fim commum, conjuncta e harmonicamente. Deixe-se liberdade ao professor, conserve-se-lhe a sua iniciativa, recommende-se-lhe que espreite as tendencias e vocações dos alumnos, que os vá encaminhando conforme a indole de cada um; mas ao mesmo tempo haja a maxima cautela na escolha dos modelos e nos methodos de ensino. Sejam amiudadas as inspecções ás differentes escolas, frequentes os concursos, publicas as exposições dos trabalhos, por fórma que o paiz possa avaliar com facilidade os resultados que se forem alcançando.

Haja na capital do paiz uma instituição central que tenha por fim encaminhar e regularisar o jogo d'este mechanismo, instituição composta do menor numero de homens possivel, mas quantos bastem e com as aptidões necessarias para que todo o serviço artistico seja dirigido em seus differentes ramos com consciencia e sciencia.

Academia.

Alem d'esta instituição administrativa, é indispensavel um corpo superior artistico que seja como o grande jury do paiz, em materia de arte. Sem tal corpo não poderia haver permanentemente uma certa elevação nos productos artisticos. Para evitar porém os inconvenientes de outra sorte que tendem a manifestar-se quando se concentre n'estes corpos todo o impulso artistico, sejam elles recrutados por fórma que sempre n'elles intervenha o elemento da critica; isto é, sejam compostos não só de artistas, mas de escriptores e amadores de bellas artes.

Pensionarios.

Conserve-se o actual systema de enviar pensionarios aos paizes

estrangeiros, mas augmente-se-lhes o numero. Todas as nações seguem este methodo, até mesmo aquellas como a Hespanha em que ha abundancia de optimos museus e de excellentes artistas. Entre nós não é de agora que se tem usado este meio para ampliar o ensino artistico; já nos meiados do seculo passado havia sido experimentado e com feliz successo; devemos-lhe então Vieira Lusitano e outros pintores do seu tempo, como depois lhe devemos Sequeira e Vieira Portuense. Hoje mesmo está dando excellentes resultados. As pensões são porém pouco numerosas; com o actual systema, só de dez em dez annos, termo medio, é que póde ser nomeado pensionario um artista de cada especialidade. É pouco, sobre tudo agora em que tanta carencia temos especialmente de pintores de figura.

Despeza.

As despezas que resultariam d'esta organisação não são de assustar; não chegariam talvez á cifra do primitivo orçamento da academia de Lisboa, na qual se dá o curioso e raro phenomeno de ter ella hoje uma dotação igual a menos de metade da que tinha quando foi creada.

B

Acquisição de obras.

Mas não basta formar artistas, é necessario acompanhar as instituições do ensino com outras que tenham o duplo fim de desenvolver o gosto pelas artes e de proteger os artistas. É preciso pois em primeiro logar que o Estado consagre uma verba, aindaque seja modesta, para a acquisição annual de obras de arte: enriquecem-se assim os museus e auxiliam-se os artistas. Hoje além da despeza do ensino não gasta o Estado quantia alguma a mais com as artes (1), e é triste dizer-se que não ha na galeria de pintura quadros alguns dos nossos artistas contemporaneos, a não ser os que elles fizeram para os concursos de pensões ou dos logares do professorado. Estes quadros porém não representam os artis-

(1) A camara municipal de Lisboa acaba de consignar no seu orçamento 500$000 réis para compra de um objecto de arte na exposição annual da sociedade promotora.

tas, não só por serem executados ordinariamente no começo da sua carreira, senão ainda porque sendo feitos sobre themas tirados á sorte e impostos ao artista, lhe não deram ensejo de se apresentar em toda a sua individualidade.

Verdade é que pelos estatutos que ainda hoje regem as academias (artigo 24.º dos de Lisboa) cada professor é obrigado a apresentar de tres em tres annos uma producção na arte que professa, ficando sujeito á demissão, no caso de sem motivo justificado faltar duas vezes ao cumprimento d'este dever. Esta disposição porém, cómo todas as cousas absurdas, nunca foi cumprida, nem o poderá ser. É mister revoga-la por outra que possa ser executada. Determinar que o Estado comprará cada anno algumas obras de arte é a melhor fórma de levar os artistas a produzirem-nas.

Construcções.

Pelo que respeita aos architectos, é conveniente inserir na lei algumas disposições com o fim de evitar os absurdos architectonicos que estamos todos os dias presenciando. Qualquer mestre de obras toma hoje para si os fóros de architecto, desenha alçados e plantas, e com a sua assignatura as apresenta nas estações competentes; o resultado d'este systema são as edificações sem estylo nem gosto que por ahi vemos levantarem-se. Em todos os paizes do mundo as construcções civis são dirigidas por architectos legalmente habilitados; só entre nós é que o simples operario sem noções algumas das artes, póde ser incumbido d'esses trabalhos que requerem, para serem bem feitos, conhecimentos theoricos, que elle não possue.

Exposições.

Pelos estatutos das academias de Lisboa e Porto deve haver uma exposição triennal em cada uma. No Porto tem-se guardado com bastante rigor esta disposição da lei, não assim em Lisboa n'estes ultimos annos, porque, havendo em cada um a exposição feita pela sociedade promotora de bellas artes, pareceu desnecessario apresentar duas exposições annuaes em que forçosamente se haviam de repetir as obras.

Que uma exposição ao menos cada anno é necessaria, ninguem o contestará, e uma vez que a sociedade promotora tem de cele-

brar a sua, poderia o Estado, entendendo-se com esta associação determinar que as verbas que elle consagrasse annualmente para compra de obras de arte fossem empregadas em obras ali expostas. Alem d'esta exposição dos trabalhos de artistas já feitos, deveria haver em Lisboa a exposição dos trabalhos executados nas escolas todas do paiz para a adjudicação dos premios em que atrás fallamos; no Porto manter-se-ía a exposição triennal; ou converter-se-ía em annual, se porventura houvesse sufficiente numero de obras para justificar esta alteração. Parte da verba para compra de obras de arte poderia ali ser despendida.

II

MUSEUS E COLLECÇÕES

1

Temos pelo paiz varios grupos de collecções, mas não temos um só museu. Comtudo teria sido facil formal-o quando se extinguiram os conventos, e tantos objectos preciosos de todos os generos entraram na posse do Estado.

O que temos.

Em Lisboa ha alguns nucleos para organisar um principio de museu central. Temos a galeria de quadros, uma boa collecção de desenhos originaes, bastantes gravuras, e alguns objectos de arte ornamental, taes como pratas, louças e tecidos. A galeria de quadros é a unica que está exposta ao publico; as outras collecções não o têem sido, não só por falta de salas para a sua collocação, mas pela falta de pessoal, que absolutamente não existe. Sem edificio, sem dotação e sem pessoal não póde haver museus. E comtudo, vencidos alguns obstaculos, entre os quaes avulta o do edificio, não seria difficil em breves annos organisar museus que fossem, não sumptuosos, mas decentes e uteis.

Os estrangeiros que vêem a Lisboa, procuram os museus, e informados de que apenas existem aquelles barracões decorados com o nome de *salas*, onde estão dependuradas as télas que possuimos, pasmam que n'uma capital já hoje tão populosa e rica haja uma falta que não sentem muitas pequenas cidades da Allemanha e da

França; pasmam sobretudo ao verem a ultima *sala* da galeria, onde estão aquelles quadros gothicos, admiraveis testemunhas da nossa grande fecundidade artistica em passadas eras, que um paiz possuidor de tão notaveis trabalhos, não tome a peito conservar com mais amor as frageis reliquias da sua antiga escola; pasmam quando em Vizeu vão encontrar as obras de Vasco Fernandes dependuradas em sacristias escuras e humidas, soffrendo damnos irreparaveis, que se vão cada anno aggravando sem que se busque atalhar os progressos da ruina; pasmam quando em tantas igrejas das provincias descobrem ainda trabalhos de pintura que em vez de ali se deixarem permanecer ignorados e, o que peior ainda é, expostos a tantos agentes de destruição como são a humidade, as barbaras restaurações, o prego do armador que n'elles suspende as sanefas dos dias de festa, o fumo das luzes, etc., deveriam ser transportados para logares de honra nos museus nacionaes; pasmam quando encontram á venda e por pouco dinheiro objectos de arte que ha muito deveriam ser propriedade do Estado, taes como o quadro unico que traz a assignatura de Vasco Fernandes, o Grão-Vasco, ha pouco vendido a um inglez por 500$000 réis.

Vergonha é dize-lo, mas nada se tem feito em favor dos museus. Urge emquanto ainda é tempo reparar esta falta. Não podemos certamente suppôr que vindo tão tarde e com tão poucos meios será possivel organisar em Portugal museus completos e ricos de obras primas. A maior parte dos quadros mais distinctos e quasi todas as esculpturas mais notaveis da antiguidade pertencem hoje a collecções publicas d'onde nunca saírão; é mais que certo que se perderam para sempre as occasiões de adquirir obras primas. Em Portugal mesmo houve tempo em que fôra possivel comprar sem grande despeza quadros de verdadeiro merito; hoje é mais raro virem ao mercado; comtudo ainda não ha muito tempo foi aqui vendido a um estrangeiro um excellente quadro da escola de Leonardo por uma somma realmente insignificante. Em objectos de outro genero tambem se deparam en-

sejos, que até aqui foram perdidos para acquisições valiosas: todos se lembram que, ha alguns annos, um particular comprou em Lisboa trabalhos de prata cinzelados talvez alguns pelo Cellini, que depois vendeu por quantiosa somma em París. N'esta occasião solicitou o vice-inspector da academia de Lisboa a quantia relativamente pequena que por aquelles thesouros pedia o seu primeiro possuidor, mas não havia verba no orçamento, e foi forçoso deixa-los saír para sempre de Portugal.

Se porém não devemos ter esperança de organisar museus em que se encontrem télas de todas as grandes escolas, e marmores das melhores epochas da Grecia e de Roma, podemos e devemos ter confiança de que nos será possivel possuir museus interessantes e uteis.

Em Lisboa deveria haver um museu central, subdividido em secções, scientificamente classificadas cada uma: pintura, esculptura, desenho, arte ornamental nas suas variadissimas classes, gravuras, modelos architectonicos, archeologia, etc.

Museu de pintura.

Para o museu de pinturas temos um bom nucleo na galeria de quadros que existe na academia, á qual podem facilmente ser encorporados não só os quadros conservados nos conventos de freiras que se vão extinguindo, mas ainda muitos que estão disseminados sem proveito algum por varios edificios publicos. Por outro lado a verba para acquisição annual de obras de arte faria entrar no museu quadros contemporaneos. A galeria de pintura poderia ter uma secção de copias, obras dos nossos pensionarios e reproduzindo as mais notaveis trabalhos dos grandes artistas existentes nos grandes museus da Europa. Outra secção poderia ser de retratos, excellente idéa posta já em pratica pela illustrada direcção da nossa bibliotheca nacional, em cujo edificio infelizmente não ha condições proprias para similhante galeria. No museu de pinturas poderia finalmente haver uma secção historica, na qual se vissem reproduzidos pelo pincel os feitos mais notaveis da historia patria. Seria como um grande livro em cujas paginas os mais ignorantes poderiam ler as

admiraveis lições que tanto abundam na historia do nosso Portugal.

Tudo isto não é obra de poucos mezes, nem mesmo de annos; requerem-se dezenas de annos, não para completar, mas mesmo para começar a executar este programma. Principie-se porém desde já, e tenha-se em vista que um nucleo de collecção bem organisado exerce sempre sobre os objectos da mesma classe que andam dispersos uma attracção irresistivel. Havendo principio de collecção é de crer que se não desminta a lei de começarem os dons particulares a enriquecer successivamente o encetado museu. Se o paiz se affeiçoar ao seu museu de bellas artes, é certo que não deixará de contribuir cada individuo para augmentar o que em breve póde vir a ser um monumento nacional.

Museu de esculptura.

O museu de esculpturas ainda é menos custoso de organisar: póde em grande parte constar de copias. Estas copias são faceis de conseguir, ou por compras, ou por doações dos governos estrangeiros ou por trocas com outros museus.

É mister tambem, não só para estas trocas, mas tambem para o augmento directo do museu, mandar formar as mais notaveis peças de esculptura e de estatuaria que existem nos portaes de muitas das nossas igrejas. Em 1867, e para apresentar em París na secção da historia do trabalho da exposição universal, alguns exemplares da nossa antiga estatuaria, pediu o commissario portuguez encarregado d'esta secção, que o auctorisassem a mandar formar algumas poucas estatuas e ornamentos de differentes periodos, para poder dar idéa, aindaque succinta, da historia da esculptura em Portugal: assim se fez, e na academia de Lisboa conservam-se, vasados em gesso, varios fragmentos de Belem, da Batalha, de Alcobaça, de Santa Cruz e da sé velha de Coimbra.

Não houve tempo nem dinheiro para mais. Este ensaio provou comtudo que a idéa era pratica e de facil execução.

Bastam pequenos recursos para que, dadas as salas necessarias, se forme com rapidez em Lisboa um museu bastante completo de

esculptura, desde as producções de Niniveh e Persepolis até as afeminadas obras da escola dos Arpinos e Berninis.

N'este museu aprenderia o alumno artista, estudaria o archeologo, e deleitar-se-íam os visitantes.

Museu de desenhos.

Na academia de Lisboa existe já hoje uma excellente collecção de desenhos originaes de grandes mestres. Com uma verba annual, que não carece de ser muito importante, porque estes productos são escassos no mercado, ir-se-íam acrescentando aos desenhos já existentes, os que por ventura nos deparasse a nossa boa sorte.

Museu de gravuras.

O mesmo ha a dizer a respeito das gravuras, de que tambem existe um nucleo de collecção na academia, facil de augmentar, porque não é raro apparecerem á venda estampas e gravuras de valor. Em Lisboa ha varias collecções particulares, cuja acquisição seria muito conveniente, porque n'ellas se contêem não só producções do buril dos nossos gravadores, mas ainda retratos de personagens portuguezes. Formada a collecção nacional, é de esperar que o esclarecido patriotismo dos possuidores d'aquellas, facilite a sua acquisição ao Estado. Junto ao museu de gravuras deve existir a chalcographia, onde se conservem as chapas gravadas que se podérem adquirir, para acrescentar ás que já existem na academia de Lisboa.

Museu de architectura.

A collecção de modelos architectonicos póde tambem formar-se sem grande dispendio e trabalho, e n'ella devem ser incorporados todos os trabalhos desenhados de architectura mandados fazer pelo Estado, tanto aos pensionarios em paizes estrangeiros, e reproduzindo os alçados e plantas dos mais notaveis monumentos antigos, como aos artistas incumbidos de novos edificios. Seria da maxima vantagem que no museu central existissem, ou em modelos de vulto ou em simples desenho, as reproducções dos nossos edificios publicos; a photographia póde auxiliar muito a formação d'esta collecção, e é muito facil por meio d'aquelle processo reunir em pequeno espaço todos os elementos para uma historia da architectura.

Museu de arte industrial.

O museu de artes industriaes, sem ser dispendioso, é de mais difficil organisação, poisque para ser, não completo, mas pelo menos de verdadeira utilidade, deve ter variadissimos exemplares. Muitos porém podem ser copias feitas pelo auxilio da galvanoplastia, da photographia e do gesso. N'este museu uma secção deveria ser consagrada á arte nacional; as outras poderiam ser scientificamente divididas nos differentes periodos da historia das artes. A secção nacional póde, quasi sem dispendio, ser riquissima e de metter inveja a muitos de entre os primeiros museus estrangeiros. Em ourivesaria, por exemplo, basta que ao nucleo já existente na academia de Lisboa, se addicionem as muitas obras que andam dispersas em varios estabelecimentos publicos; que haja cautela, á medida que se forem extinguindo os conventos de freiras, em arrecadar as preciosidades que n'elles ainda se encontram; finalmente que haja uma verba para acquisição do que por ventura apparecer á venda. Era incalculavel o valor dos objectos de prata e oiro que se perderam para sempre em Portugal, roubados uns durante a invasão franceza, fundidos outros para acudir ás necessidades do thesouro; mas quem conhece o nosso paiz, sabe que n'elle existem ainda muitas preciosidades d'este genero que podem, sem grande difficuldade nem dispendio, entrar na posse do Estado, e tornar o nosso museu um dos mais ricos da Europa. As secções de ceramica, de tecidos, de objectos de madeira lavrada, de rendas, de moveis, etc., são faceis de constituir. Basta algum zêlo, uma pequena verba e um diminuto pessoal para as termos em pouco tempo. No que respeita a ceramica, por exemplo, pódese, mesmo sem saír de Lisboa, formar uma collecção muito importante e curiosa de azulejos. O que é preciso é attenção em não deixar destruir por ignorancia ou má fé os objectos que podem e devem ser recolhidos nas collecções.

O museu de arte industrial é indispensavel complemento das aulas de desenho applicadas á industria; deve ser o mais publico

possivel e de facil accesso, aberto até de noite para commodo das classes operarias.

Se este museu for acompanhado de algumas officinas para a reproducção dos objectos que possuir, poder-se-hão fazer trocas de copias com outros museus identicos, conforme a pratica n'elles seguida, e por este modo acrescentar o nosso museu sem dispendio. Alem d'isso as copias serão necessarias, não só para vender ao publico aqui e fóra do paiz, mas tambem para a formação dos pequenos museus junto ás aulas de desenho applicado á industria que houverem de se crear. Estas officinas devem ser uma de galvanoplastia, outra de photographia, e outra de formador, sendo esta ultima tambem annexa ao museu de esculptura e a segunda ao de desenho.

Museu de archeologia.

O museu de archeologia deve ter uma feição especialmente nacional, e conter todas as antiguidades que porventura se descobrirem debaixo do nosso solo e possam illustrar a historia do nosso paiz. É forçoso confessar que na epocha actual se tem prestado muito menos attenção aos estudos archeologicos do que em outras eras. Hoje são elles inteiramente descurados, e as poucas antiguidades que o acaso vae deparando são ou destruidas ou dispersas, sem que d'ellas se possa colher resultado algum proficuo para a historia. Apenas tem conseguido salvar algumas o inquebrantavel zêlo do benemerito fundador da associação dos architectos e archeologos portuguezes. O museu do Carmo é prova viva de quanto póde a iniciativa individual, mesmo quando só debilmente auxiliada. Comtudo no seculo passado reunia o illustre Cenaculo os objectos que formam hoje a preciosa collecção existente em Evora, e que apesar dos roubos que soffreu durante a invasão franceza e das perdas que havia experimentado quando de Beja a transportou para aquella cidade o seu venerando fundador, ainda hoje nos ministra valiosos subsidios para estudar a historia do dominio de Roma em Portugal. Em Braga, Portalegre, Beja e em muitos outros pontos do paiz estão numerosos objectos archeologicos em completo estado de abandono e

desprezo. Muitos outros serão facilmente descobertos quando se tratar seriamente de excavações nos pontos indicados pela sciencia. É pois facil formar um museu archeologico central em Lisboa, mesmo sem destruir os museus existentes em algumas cidades, como em Evora, que deveriam ser não só conservados senão ainda acrescentados com as antiguidades que se forem descobrindo e que digam respeito á historia da localidade em que elles existem.

O que é indispensavel é tomar providencias, não só para que não se destruam as antiguidades de todo o genero que se forem descobrindo, mas para que sejam colligidas no museu central umas, nos provinciaes outras, e para que o Estado tenha sempre a preferencia em igualdade de circumstancias para acquisição de taes antiguidades.

Seria facil reproduzir aquelles objectos, cujos originaes estando n'um museu, merecessem comtudo pela sua importancia entrar na serie de outro museu; e até o museu central de Lisboa poderia conter reproduzidos em gesso os principaes objectos existentes nos museus provinciaes.

Este museu central, scientificamente classificado, deveria dividir-se em varias secções: numismatica, epigraphia, estatuaria, objectos de uso commum, objectos descobertos nas minas, etc. Para o formar, ha desde já alguns elementos, como são as antiguidades descobertas em Cetobriga pela extincta sociedade archeologica de Troia e mandados depositar na academia de Lisboa, uma pequena mas mui interessante collecção de vasos, armas, etc. descobertos ultimamente em Alcacer do Sal e adquiridos pela academia juntamente com o direito exclusivo de fazer excavações no local em que foram encontrados, etc. Quanto á numismatica possue o Estado varias collecções valiosas todas, mas nenhuma completa, que talvez conviesse reunir para com ellas formar uma serie tão perfeita quanto possivel.

A formação de um museu central em Lisboa, a conservação e desenvolvimento dos museus provinciaes, juntamente com uma

boa organisação do serviço das excavações contribuiria sem duvida muito para em Portugal levantar os estudos archeologicos do abatimento em que se acham, poisque, em que nos peze, é fóra de duvida que taes estudos inaugurados por André de Resende, tão notavelmente proseguidos por algumas academias do seculo passado, estão hoje completamente desprezados, não só não tendo cadeira alguma em que sejam ensinados, nem elementos alguns para o seu estudo, mas nem sequer merecendo a iniciativa individual dos estudiosos, que faltam quasi absolutamente n'este ramo da sciencia.

Bibliotheca.

Como complemento d'estes museus é necessaria uma bibliotheca de bellas artes e de archeologia. Felizmente temo-la, e bastante completa na academia de Lisboa. É formada de alguns livros do deposito das livrarias dos extinctos conventos, mas recebeu n'estes ultimos annos notaveis addicionamentos. Avulta entre estes a excellente livraria do conselheiro Husson, que generosamente a doou ao Estado. Esta collecção, reunida durante quarenta annos de residencia em Italia, contém as melhores edições dos melhores livros sobre bellas artes e archeologia publicados até ao meado d'este seculo, e é quasi tão completa com a livraria do conde Cicognara comprada pelo papa Leão XII para a bibliotheca do Vaticano pela quantia de 18:000$000 réis. Na bibliotheca da academia têem tambem entrado ultimamente bastantes livros adquiridos, já com uma somma que para este fim offereceu El-Rei o senhor D. Luiz, já com uma pequena verba annual tirada da dotação da academia.

O que é mister é crear n'esta livraria um pessoal, que não existe, e augmentar a dotação, que é mui pequena, para a acquisição de obras de arte, que geralmente são muito dispendiosas, e annexando-a aos museus centraes de Lisboa, torna-la não só publica senão ainda do mais facil accesso, conservando-a aberta mesmo durante algumas horas da noite para poder ser frequentada pelas classes operarias.

Officinas annexas.

Junto aos museus e dependentes d'elles estariam as officinas de que já fallei de galvanoplastia, photographia e moldagem. Esta ultima já existe na academia de Lisboa, mas tem um só empregado, o que é insufficiente quando ella for incumbida dos trabalhos de reproducção de esculpturas dos monumentos publicos e da execução de fôrmas e exemplares para os museus centraes e provinciaes, para trocas e para o commercio. As outras duas officinas têem de ser creadas de novo, mas a facilidade de trocar o que ellas produzirem por objectos identicos de museus estrangeiros, e o mercado que de certo terão as nossas reproducções galvanoplasticas e photographicas, darão para a despeza que estas officinas trouxerem.

2

Museus provinciaes.

A creação em Lisboa de museus centraes não dispensa a existencia de museus provinciaes, tanto mais que temos para elles elementos em muitas terras. Não é por certo necessario que haja em cada capital de districto pequenas collecções, que sejam por assim dizer reproducções em escala diminuta dos museus de Lisboa. O que é necessario é que, aproveitando os nucleos ou elementos que existam em cada terra, se trate com cuidado da sua conservação e do seu engrandecimento. Assim no Porto ha dois pequenos museus de quadros, um municipal, comprado aos herdeiros do negociante Allen, e o que pertence á academia portuense de bellas artes. Seria para desejar que fossem ambos reunidos n'um local conveniente, que se lhes nomeasse o pessoal necessario e que se lhes não faltasse com uma dotação para a conservação das pinturas já existentes e a acquisição de outras. A este museu de pintura poderia acrescentar-se a collecção de numismatica que ha na bibliotheca, algumas antiguidades que em volta do Porto se têem descoberto, e porventura tambem o museu de arte applicado á industria que é força organisar convenientemente em cidade que tanto prima pelo desenvolvimento da sua industria.

Este museu subsidiado a um tempo pelo Estado e pela Camara poderia em breve tempo ter verdadeira importancia.

Em Evora existe, como já se disse, o museu Cenaculo, o qual está hoje junto com a bibliotheca publica da mesma cidade, mas sem as accommodações necessarias para poder ser convenientemente disposto e estudado. Não seria muito dispendioso, aproveitando alguns dos bellos monumentos que felizmente estão ainda de pé na capital do Alemtejo, achar um local onde podesse estabelecer-se por fórma adequada aquelle excellente nucleo de museu de antiguidades reunido pelo sabio arcebispo. Um pequeno pessoal e uma dotação modesta para a conservação do museu e acquisição de novos objectos seria o complemento da proposta organisação.

Em Vizeu existem os mais famosos quadros da escola que d'esta cidade tomou nome, mas nas igrejas para que foram pintados e em pessimas condições para a sua conservação. É sabido que já em 1866, um distincto critico inglez levantou pela imprensa um brado de indignação contra o desprezo que se mostrava por aquellas notaveis obras de arte, não duvidando affirmar que ellas de todo desappareceriam se porventura n'aquelle estado se conservassem mais alguns annos. As palavras de Robinson echoaram porém no deserto. Os quadros ficaram como estavam, e lá vão passados mais dez annos de negligencia, e portanto de ruina. Não deveriamos olhar com alguma attenção para este assumpto? Não seria possivel fazer-se um accordo entre o Estado, as auctoridades ecclesiasticas e as municipaes para que, tirados os quadros do local em que se acham, fossem collocados n'uma galeria modesta, mas conveniente onde se resguardassem aquelles preciosos thesouros, aos quaes não tardariam em juntar-se outros, hoje ignorados mas de facil acquisição, logo que houvesse uma tentativa seria para formar uma collecção em Vizeu?

Em Coimbra aos esforços de uma benemerita sociedade, o Instituto, se deve a creação de um museu archeologico, em principio ainda, mas já rico de monumentos. Em volta d'este museu

archeologico poderiam agrupar-se outras collecções como, por exemplo, uma de quadros, de que ha alguns bons exemplares n'aquella cidade. Um pequeno subsidio do governo para conservação e augmento da collecção, e para o pagamento do pessoal necessario tornaria em breve a fundação do Instituto um dos mais interessantes estabelecimentos da cidade universitaria.

Citámos alguns exemplos; outros muitos poderiamos adduzir para provar que, com alguma iniciativa e uma despeza relativamente pequena, muito se poderia fazer no sentido de dotar as provincias com museus interessantes debaixo de mais de um aspecto. A verba destinada annualmente para acquisição de objectos de arte modernos serviria tambem para o engrandecimento d'estes museus provinciaes para onde se enviariam alternadamente algumas das obras adquiridas aos artistas vivos, segundo o systema usado em França.

Os municipios poderiam facilmente ser levados a concorrerem para a sustentação d'estes museus, e até os particulares não deixariam de contribuir para que elles tomassem incremento. Junto das collecções provinciaes deve tambem haver pequenas bibliothecas, contendo livros de bellas artes, de archeologia e sobretudo de applicação do desenho á industria, e alem d'isso photographias de monumentos, d'objectos de arte, etc.

3

Museus locaes de arte industrial.

Mas o que sobretudo é necessario organisar são os museus de arte industrial junto ás escolas em que se ensina o desenho ás classes operarias. Esses museus são mui pouco dispendiosos, poisque na maior parte podem constar de copias e reproducções. Devem ser formados tendo-se em vista a industria existente na localidade em que tiverem de crear-se. Assim nas Caldas o museu deve ser principalmente de ceramica, em Guimarães de ourivesaria etc. Com a galvanoplastia, a photographia e o gesso alcançar-se-hão por preços muito commodos a maior parte dos exemplares necessarios. Os proprios professores das aulas pode-

riam ser os conservadores d'estes museus, para os quaes apenas seria necessario uma pequena verba annual destinada á sua limpeza e conservação, vistoque os museus centraes de Lisboa com as suas officinas se encarregariam de os prover dos objectos necessarios.

É incalculavel o bem que póde trazer ás nossas industrias a creação d'estes pequenos centros artisticos. Para não estender leitura não referirei os espantosos resultados que d'elles se ha colhido na França, na Inglaterra e na Allemanha, paizes todos em que elles são hoje instituições nacionaes. Em ponto muito pequeno pôde notar-se na academia de Lisboa o grande melhoramento que aos estudos do ornamento produziu a pequena collecção de ornatos que ali se tem conseguido reunir.

Os nossos operarios foram sempre tidos na conta de mui habeis canteiros e ourives, e com effeito é inexcedivel a perfeição com que sabem reproduzir os modelos que lhes são apresentados. Na execução são admiraveis, e todas as vezes que se tratar de levar a cabo uma obra para que tenham bons modelos, podem os seus productos correr parelhas com os de qualquer outra nação. O caso porém é differente quando se lhes pede algum trabalho original, quando se lhes pede não só que reproduzam, senão que inventem, quando lhes falta um guia seguro para o que respeita a concepção. A rasão d'este phenomeno é facil de encontrar. Os operarios portuguezes têem boa educação technica, mas não a têem artistica, e esta falta é por tal fórma importante que lhes não valem sua natural propensão e facilidade para supprir o que lhes não deu o estudo. Um meio só existe para corrigir este inconveniente: a creação de aulas e de museus. Póde ter-se como certo que, preenchida esta lacuna, tomariam grande incremento as industrias portuguezas nas quaes é parte importante a arte, e que deixariam de ouvir-se as queixas hoje tão geraes ácerca da falta de gosto dos nossos operarios, quando entregues a si mesmos.

4

Museus temporarios.

Existe na Inglaterra um costume que seria facil de aqui introduzir: é a formação de certos museus provisorios a que chamam *circulantes* por serem successivamente expostos em differentes pontos do paiz. São formados estes museus de objectos que não podem ser reproduzidos, mas que é conveniente deixar examinar e estudar com toda a facilidade pelo maior numero possivel de pessoas. Para este fim o museu central de Kensington formou estas collecções dos duplicados que possuia, e tra-las em constantes digressões pelas provincias, dando assim aos operarios que não podem vir a Londres ensejo de conhecerem e estudarem o que por outra fórma nunca poderiam ver.

É hoje tambem vulgar em Inglaterra a formação temporaria n'uma cidade, de exposições de objectos emprestados por particulares para o fim de apresentar ao publico collecções de difficil accesso. Estas exposições temporarias constam ora de uma serie, ora de outra; umas vezes, retratos; outras, miniaturas; outras, louças, e até mesmo houve já uma em que sómente se apresentaram leques. Posto que no nosso paiz não seja possivel implantar este habito pela falta quasi absoluta de collecções particulares, comtudo ha ali algumas idéas que se poderiam aproveitar.

Ha cerca de vinte annos organisou-se em Lisboa na sala do risco uma exposição de artes e de archeologia que foi muito concorrida. Seria facil e muito conveniente repetir este exemplo de annos a annos. O publico teria assim occasião de conhecer muitos objectos possuidos por particulares, de que por outra fórma não alcançaria sequer noticia, e os proprios possuidores das collecções estimariam sem duvida ter este ensejo de as tornar mais conhecidas e portanto apreciadas.

III

MONUMENTOS HISTORICOS

O que temos.

Estão estes inteiramente descurados entre nós, com excepção da Batalha e do templo romano em Evora. O sudario das nossas miserias a este respeito é tal, que nos envergonha mesmo estende-lo aqui á puridade e diante só de olhos portuguezes. A maior parte d'aquellas venerandas reliquias do passado ou desappareceram para sempre ou estão ameaçando imminente ruina. Umas foram voluntariamente destruidas, depois de voluntariamente concedidas, para darem logar a construcções modernas; outras foram successivamente minadas pela implacavel mão do tempo; outras estão barbaramente deturpadas pela mão dos homens,que sob pretexto de restaura-las, lhes tiraram toda a feição que as caracterisava.

Sobram exemplos de tudo, mas é doloroso confessar que mais foram os monumentos destruidos pela acção violenta dos homens do que pela acção vagarosa do tempo. *Tempus edax, homo edacior.*

É inutil tentar apresentar uma lista dos nossos monumentos historicos. Não a temos. Nunca se fez. Poder-se-ha ámanhã votar nas côrtes a concessão a alguma municipalidade ou parochia de qualquer edificio velho e que ameace ruina, sem que os legisladores saibam se pelo seu voto vão consagrar o desapparecimento de um illustre padrão de gloria nacional.

No orçamento do Estado apenas se encontra uma pequena verba para a conservação da Batalha, verba d'onde sáe o custeio das reparações mais urgentes e a despeza com o diminuto pessoal ali empregado. Por isso de todos os monumentos nacionaes é este o unico que está tratado com o cuidado que pedem aquellas respeitaveis testemunhas de outras eras. O chamado templo de Diana em Evora, entregue como está ao municipio d'essa cidade, deve á illustração dos cavalheiros que têem exercido o cargo de ve-

readores e ao zêlo do sr. dr. Simões o bom estado de conservação em que se acha. Citados estes dois monumentos temos esgotado a lista dos que não estão inteiramente abandonados.

Castellos.

Levar-nos-ía muito longe dizer, ainda mesmo resumidamente, o estado em que hoje se acham alguns dos mais importantes d'estes edificios, que são padrões de gloria em todas as nações que os possuem. Não está de pé um unico dos antigos castellos, não diremos das raças que precederam a formação da monarchia portugueza, não diremos mesmo dos alevantados pelas anudúvas no tempo da primeira dynastia, como padrastos contra as correrias mussulmanas, mas nem sequer existem, a não ser meios desabados e derrocados, os castellos erguidos pela mão poderosa de D. João I ao longo da linha extrema da nossa Beira. Nem ao menos foram salvos da destruição ou da ruina os castellos que ás memorias gloriosas do passado ajuntavam a belleza de uma situação pittoresca ou grandiosa. Lá está no meio do Tejo, abandonado e lentamente desmembrando-se, aquelle admiravel castello de Almourol; lá está caíndo pedaços o castello de Leiria; lá estão tantos outros levantados em altas serras e dominando extensas planicies, vendo cair uma após uma aquellas pedras ali dispostas para resistir ao impeto dos inimigos, e que foram testemunhas de tantos actos de esforçado valor. Foi ainda alem o vandalismo: em seu furor cego de destruir não attentou que muitos d'esses muros que derrocava abrigavam a povoação, não só do inimigo, que poderia assalta-la, senão tambem da terrivel acção dos agentes atmosphericos. Na Guarda foi derrubado todo um lado do castello; desde então tornou-se inhabitavel parte da cidade, que assim ficou aberta ás invasões de um vento glacial, que nem sequer nos mezes de verão deixa por vezes de soprar rijo. Numão foi abandonado de seus habitantes, porque desabaram alguns dos muros que cerravam a villa, defendendo-a não só dos castelhanos, mas tambem do frio.

Igrejas.

E que diremos das igrejas? Bem perto de nós ahi temos Alcobaça em tal estado de abandono e desprezo que um illustre aca-

demico, visitando o anno passado esta celebre abbadia de Cister não pôde deixar de exclamar: «Que devastação, que tristeza e que ruinas! ... Quem quizer fazer idéa do ponto a que podem chegar o vandalismo, a devastação estulta sem proveito nem motivo, a incuria, o desleixo, a ignorancia das cousas que em toda a parte merecem a veneração e o respeito de todos os homens medianamente illustrados, vá a Alcobaça»[1]. O sr. Pinheiro Chagas podia acrescentar: vá á sé velha de Coimbra, vá a S. João de Alporão de Santarem, vá a Santa Maria de Almacave de Lamego, vá ao convento de Lorvão, vá ao mosteiro de Odivellas, vá ao mosteiro do Paço de Sousa, vá a todos os pontos do paiz, onde outr'ora se ergueu um templo, um convento, um castello que o Estado não alienasse.

Restauros.

E os restauros até agora feitos? Envergonha fallar n'elles. Aqui temos, na capital do reino, no centro de Lisboa, um triste espelho onde pôr os olhos. Aqui temos a nossa veneranda sé, monumento que provavelmente é do seculo XII, convertido no mais aprazivel exemplar do que póde o mau gosto; com as suas columnas cobertas de estuque vestido de cores, com seus capiteis compositos, com as suas janellas abertas no tecto, com os seus anjos bojudos e galhofeiros pintados de variegados tons, como que para amenisarem a magestade solemne e grave do augusto recinto. Que mais queremos? Modernisaram e alegraram aquella velha sé sob cujas abobadas resoaram talvez os duros acicates de Affonso Henriques, se ergueram ao Céu as fervorosas preces da Rainha Santa, acclamou rei de Portugal ao mestre de Aviz a grande voz do povo. Na verdade melhor é deixar que os velhos monumentos historicos vão caíndo pedra por pedra, carcomindo-se com a hera, e desaggregando-se pelo rijo vento da tempestade, do que profana-los e como que vilipendia-los com tão ignaros restauros. Deixa-los antes caír. Serão mais bellos em suas ruinas que debaixo da louçania de mau gosto com que querem rejuvenece-los.

Monumentos de esculptura.

Se nos monumentos de architectura é de tal jaez o destroço,

[1] Diario illustrado. Folhetim do n.º 705 de 1874.

é facil formar juizo ácerca do estado em que devem estar os monumentos de esculptura que porventura n'elles existam. Quem escreve estas linhas tem visto com seus olhos taes profanações, que não se atreve quasi a referi-las, com receio de ser tido na conta de exagerado. Em Paço de Sousa os baixos relevos que ornavam a sepultura de Egas Moniz estão divididos, achando-se metade engastada em cada parede lateral da igreja, e a caixa de pedra em que jazeram os ossos do aio de Affonso Henriques serve de pia para os porcos beberem. Na sé de Braga, aos lados do altar mór, obra preciosa de esculptura em pedra, mas já mutilada, estão as sepulturas do conde D. Henrique e de sua mulher; como eram demasiado compridas para o local a que as destinavam, houve mão barbara que não duvidou de separar pelo joelho as pernas das estatuas estendidas sobre a caixa de pedra, e para melhor encobrir, como a sua ignorancia julgava, aquella desastrada mutilação, lembrou-se de applicar contra os joelhos os pés das estatuas, para este fim cuidadosamente serrados da extremidade inferior. Em Alcobaça, os tumulos de D. Ignez e D. Pedro apresentam, diz o illustre escriptor já referido, como que uma larga cicatriz estampada n'essas mimosas producções do escopro da idade media. É porque os tumulos violados pelos soldados de Junot, despedaçados os delicados relevos que os revestiam, mutiladas as estatuas, nunca mereceram, nem o cuidado dos frades, entregues d'essas sepulturas, nem os cuidados d'aquelles, que sabendo chamar estupidos e inuteis aos frades, não souberam ao menos n'isso supprir a sua ignorancia.

Na capella do castello de Abrantes estão desprezados e abandonados os tumulos de cinco gerações d'aquella illustre familia, que aos titulos de senhor, conde e marquez d'essa villa ajuntou os de marquez de Fontes e conde de Penaguião. Ali está, entre outros, o de D. Fernando de Almeida, conselheiro de D. Duarte e D. Affonso V, e fundador da capella, cujo pae era aquelle Fernão Alvares de Almeida, aio dos filhos de D. João I, e nomeadamente do grande infante D. Henrique, como não se esqueceu de dizer a

epitaphio de seu filho. Estes tumulos, alguns dos quaes são notaveis obras de esculptura dos seculos XV e XVI, durarão emquanto sobre elles não desabar a abobada da meio arruinada capella. Sumir-se-hão então no pó onde já hoje estão envolvidos não só os monumentos sepulchraes, senão tambem os ossos de tantos esforçados guerreiros e de tantos illustres estadistas e escriptores.

Quasi ás portas de Coimbra póde ainda ver-se a igreja do convento de S. Marcos, monumento admiravel pela profusão de suas esculpturas e exemplar perfeitamente conservado da arte do renascimento. Os muros das capellas são maravilhas de pedra rendilhada e brincada como se esta fôra materia de facil trabalho para o cinzel; as sepulturas que encerra competem com as mais notaveis que até nós chegaram; apresentam sobre as campas as estatuas d'aquelles que ali dormem o ultimo somno, e cujos serviços ao paiz estão recordados em longas inscripções abertas na face principal do monumento; no altar mór ha um soberbo retabulo de pedra, que bem justifica a opinião de muitos que o reputam obra de notavel artista italiano. O convento e os claustros devorou-os ha pouco um incendio; mas a igreja, que está de pé e intacta, póde volver ámanhã a ser propriedade da nação de cujo dominio nunca devêra ter saído. Offerece-a por um insignificante preço o seu actual proprietario, porém a falta de uma verba no orçamento não tem deixado que se conclua o negocio, apesar dos esforços do Instituto de Coimbra e de algumas pessoas que tomaram a peito auxilia-lo a prestar este serviço.

O tumulo de el-rei D. Fernando, que estava em Santarem, e que é um monumento precioso do seculo XIV, foi salvo da destruição pela energia e iniciativa do sr. P. da Silva, que alcançou leva-lo para o museu do Carmo.

O que nos falta.

Mas para que accumular exemplos? De sobejo tenho já dito. É tempo de tratar seriamente de salvar o que ainda nos resta. Não é certamente possivel acudir de prompto a tudo, e é infelizmente provavel que mais de um monumento desappareça antes que lhe chegue a sua vez de ser cuidado. Mas por isso mes-

mo que a obra é importante e longa, urge metter mãos a ella. No serviço dos monumentos historicos tudo nos falta; nem sequer está feita a sua lista; não temos pessoal habilitado com os profundos conhecimentos theoricos e praticos que se requerem para a restauração dos edificios de differentes estylos a que é mister acudir. É indispensavel tratar de organisar este pessoal, escolhendo de entre os nossos architectos alguns poucos que mais quéda tenham para este genero de estudos, dar-lhes os meios para se aperfeiçoarem n'elles, formar desde já um rol tão completo quanto possivel d'estes monumentos, organisar um serviço de inspecção, e acudir áquelles que não podérem esperar, com alguns paliativos que lhes suspendam a ruina; é preciso sobretudo que se consigne no orçamento uma verba modesta mas sufficiente para as reparações mais urgentes. No decurso de alguns annos ir-se-hão convenientemente restaurando os nossos monumentos historicos, e evitar-se-ha que se repitam os tristes factos de se lançar por terra uma igreja para se construir um theatro, como aconteceu em S. Christovão de Coimbra, ou de se levantar um theatro dentro das proprias paredes da igreja como succedeu em S. João de Alporão, em Santarem.

A organisação do serviço dos monumentos fará tambem com que se estude a historia da nossa architectura, sobre a qual ha por ora pouquissimos trabalhos verdadeiramente scientificos. A historia da nossa arte é ainda um chaos, onde abundam lendas, inexactidões e injustiças. Não é para um homem, nem para um livro o desfiar tão enredada meada. Ao passo que uns estudam os archivos devem outros estudar os edificios; emquanto uns soletram os codices, devem outros decifrar as pedras. Tanto nos primeiros como nos segundos estão os elementos para essa historia, cujos resultados apenas enxergâmos através da espessa nuvem de ignorancia, que por todos os lados encurta o horisonte da nossa vista. Ha certamente muito que aprender. Sem estudar, medir, analysar e comparar os monumentos, de nada valerão os esforços que se fizerem para escrever esse capitulo da vida do nosso povo.

IV

ARCHEOLOGIA

O serviço d'esta secção tambem não está organisado, e a consequencia d'isto é não só que se não emprehendem excavações, não só que se perdem e destroem os objectos que nos depara o acaso, senão ainda que vemos formarem-se companhias estrangeiras para virem explorar os nossos campos archeologicos, como está agora acontecendo em Troia.

Necessidade d'este serviço.

Demonstrar a indispensavel necessidade de organisar o nosso serviço archeologico fôra, sobre inutil, impertinente, poisque não ha homem medianamente instruido que não saiba o que são e para que servem as explorações archeologicas. Quantos pontos da nossa historia não viria elucidar uma serie de indagações methodicamente emprehendidas e scientificamente dirigidas, desde aquellas *antas* dos celtas até aos monumentos da idade media? Algumas tentativas que n'este sentido foram feitas ultimamente, partiram da iniciativa individual, e nem sequer, quando o acaso revelou alguma mina promettedora, foi possivel, por falta de meios, explora-la officialmente. Comtudo ha muitas questões de historia cuja solução depende em grande parte do resultado de similhantes explorações. A determinação exacta do local onde existiam antigas povoações, a directriz de algumas estradas que entre si as ligavam, a importancia d'aquellas povoações, a epocha da sua fundação, são pontos da historia d'este paiz sob o dominio dos romanos, que não pódem tirar-se a limpo sem o auxilio dos trabalhos archeologicos. O exame de muitos outros pontos historicos que se referem ao estudo de raças que, ou estanceiaram n'esta parte da peninsula, ou aqui aportavam habitualmente para necessidades do seu commercio, depende tambem dos mesmos trabalhos.

É muito para notar o desprezo com que têem sido tratados no nosso paiz os objectos archeologicos nacionaes de maior valor.

Factos.

Perto de Marvão viu quem escreve estas linhas um açude quasi inteiramente formado de lapides romanas com inscripções. A acção das aguas tinha lentamente apagado as letras, que na maior parte das lapides mal se podiam divisar. Quantas informações valiosas para a historia da Lusitania antiga não se perderam por esta fórma? Quem saberá nunca as noticias que houveramos colhido do estudo d'essas lapides, d'essas paginas do grande livro da historia para sempre arrancadas e despedaçadas?

Este caso não é unico. Ha noticia de muitas inscripções destruidas ou pela ignorancia ou pelo mais culposo descuido.

Em o muro de uma quinta, perto de Vianna, existe mettida na alvenaria uma estatua celta, que foi cuidadosamente estudada pelo sabio antiquario Hübner, merecendo ao erudito allemão a honra de uma dissertação especial. No jardim botanico da Ajuda, e expostas ás influencias atmosphericas, estão duas outras estatuas do mesmo estylo.

Dentro de Lisboa podem ler-se muitas lapides romanas embebidas em paredes exteriores de casas, como, por exemplo, no predio que faz esquina entre o largo dos Caldas e a travessa do Almada.

Sobre um dos muros lateraes da estrada que vae de Mesãofrio á Regua estão umas sepulturas lavradas, que pelo talho da pedra parecem monumentos do seculo IX ou X. Não as viu o auctor d'este trabalho, mas affirmou-lhe pessoa illustradissima e credora de toda a confiança, que estavam ali preciosos monumentos da arte dos primeiros seculos da monarchia leoneza.

Quantos outros não haverá ainda dispersos pelos recantos ignorados do paiz, que sendo conhecidos e estudados nos venham revelar interessantes e curiosas noticias, não só artisticas senão historicas!

Por vezes se tentou organisar em Portugal o serviço da archeologia, e ainda no seculo passado, quando a rainha D. Maria I creou a bibliotheca publica, commetteu ao bibliothecario mór o encargo de superintender tambem n'este ramo da publica

administração. Na ultima reforma da bibliotheca deixou porém de se consignar esta obrigação, que mal se coadunava com as outras que já pesavam sobre aquelle funccionario. Hoje não ha em Portugal auctoridade alguma incumbida do serviço archeologico; é indispensavel crea-la, e formar conjunctamente um pequeno pessoal incumbido dos estudos theoricos e praticos necessarios; é forçoso tambem que exista uma pequena verba destinada ás excavações, e á remoção dos objectos descobertos, tanto para o museu central como para os provinciaes, conforme for mais conveniente para os interesses da sciencia.

V

EDIFICIO PARA MUSEUS

O que temos.

É necessidade tratar-se com urgencia de preparar local accommodado para abrigar as nossas collecções artisticas.

Até agora os pequenos nucleos que possuimos têem estado conservados nas arrecadações da academia de Lisboa, por falta absoluta de salas em que possam dispor-se. Presentemente, e emquanto se estava imprimindo este trabalho, começaram-se no edificio de S. Francisco umas pequenas obras tão sómente com o fim muito modesto de dar luz e serventia a algumas cellas onde possam ser expostos ao publico os objectos, aliás interessantes, que formam os nascentes museus portuguezes, e que sem dotação, nem pessoal, nem meios alguns, a não ser muita força de vontade e muita perseverança, tem sido possivel ir colligindo. É para desejar que o paiz saiba o que já possue, e conheça o que póde com facilidade e pouca despeza ir tendo n'este ramo da publica propriedade. Quando o souber, não hesitará em applaudir a remoção dos museus para local mais apropriado do que o velho e mal repartido convento de S. Francisco.

Inconvenientes do actual edificio.

Ha muitos annos que a academia de Lisboa tem reclamado perante os poderes publicos contra as pessimas condições em que

estão os quadros que formam a galeria nacional de pinturas. O vice-inspector d'esse estabelecimento representou por vezes que eram taes as condições hygienicas das chamadas salas da galeria, que se ali permanecessem por muito tempo os quadros, ficariam inteiramente arruinados. As paredes dos barrações provisorios onde elles estão, não têem espessura para resistir ás influencias atmosphericas externas. Penetra-as a humidade, que se infiltra não só pelos muros, mas ainda pelo solho da galeria, que em mais de uma sala assenta directamente sobre o solo.

As variações da temperatura são taes dentro d'esse recinto que chegam a variar de 6 e 7 graus centigrados nas vinte e quatro horas. É sabido que a materia sobre que são pintados os quadros, madeira, téla ou cobre, têem uma dilatação differente da das tintas, e estas uma dilatação differente da do verniz que as cobre. Facil pois é de imaginar quanto não soffrerão as pinturas com as contracções e expansões desequilibradas e constantes que se manifestam nos differentes elementos de que se compõem aquellas obras tão frageis. Assim é que um bellissimo Garofolo, n.º 153 do catalogo, que foi adquirido ao conselheiro Husson, tem a superficie toda fendida, começando já por partes a destacar-se-lhe a tinta. O mal era já grande em 1868, tão grande que o vice-inspector, não querendo a responsabilidade do que poderia acontecer, pediu a algumas pessoas, cujo voto era auctorisadissimo, que fizessem uma vistoria áquellas salas; d'este exame resultou publicar-se no *Diario do governo* n.º 118 do anno de 1869 um relatorio, cujos periodos mais frisantes são os seguintes:

«Ex.mo sr. — A commissão encarregada pela conferencia de professores da academia de bellas artes de Lisboa de estudar as causas a que eram devidos os estragos que têem soffrido as pinturas da galeria nacional, tendo previamente convidado o lente de chimica da escola polytechnica e o professor da aula de architectura da mesma academia, reuniu-se no dia 21 de novembro do corrente anno, ás doze horas da manhã, no recinto da mesma galeria.

«O deploravel estado a que chegaram os quadros impressionou profundamente a commissão. Os mais preciosos exemplares das escolas estrangeiras estão em grande parte em completa ruina. Os que menos têem soffrido, ainda assim, estão cobertos com um véu branco azulado, a que technicamente se chama *a constipação do verniz.*

«Se considerarmos que os quadros contidos n'aquellas salas estão avaliados em perto de 500:000$000 réis, servindo para esta avaliação o preço diminuto do mercado nacional, se pensarmos no grande numero de sacrificios que a acquisição de taes obras e a sua conservação tem imposto á academia real de bellas artes, não podemos deixar de solicitar com instancia um prompto remedio.

«Acresce mais que a collecção nacional não só possue importantissimas producções de mestres italianos, flamengos, francezes, etc., como tambem tem archivado ali tudo ou quasi tudo que tem produzido o nosso paiz na arte da pintura, desde 1500 até aos nossos dias.

....

«Os palliativos a empregar para debellar em parte os males que os arruinam são poucos e quasi nullos.

«A applicação dos caloriferos é, sobre ser dispendiosa, incompleta, por não corrigir proporcionalmente o defeito.

«É preciso notar que a humidade, principal causa dos estragos nas pinturas, não se infiltra unicamente pelas paredes em contacto com o ar exterior, a humidade existe espalhada em todo o recinto da galeria fornecida pelos ventiladores que ella possue, e que n'este caso dão effeito contraproducente em consequencia de vir já o ar exterior impregnado da mesma humidade.

«A galeria, não obstante o terem-a elevado nas penultimas obras que se realisaram, ainda assim está encravada entre edificios alterosos que a assoberbam e que obstam a que os raios do sol possam dardejar forte e livremente n'aquella parte do edificio.

«Tem-se tentado por vezes attenuar quanto possivel os desastres que, segundo parece, se manifestam presentemente em maior escala; porém têem sido improficuas as tentativas, e os estragos continuam na sua funestissima marcha, talvez accelerando de dia para dia.

«Isolaram-se os quadros das paredes exteriores por meio de pannos de linhagem pintada a tinta de oleo, ficando d'esta fórma um espaço cheio de ar, renovado por orificios praticados no roda-pé.

«Este processo, que em qualquer outra circumstancia dava optimos resultados, aggravou ainda mais o defeito em consequencia de conservar encerrado em tão pequeno espaço o ar que já do exterior vinha saturado de humidade. Para a que se infiltrasse pela parede, o remedio era facilimo, e consistia apenas em revestir com uma camada delgada de folha de chumbo os muros da galeria. Porém o mal ficava da mesma maneira, porque no local onde está construida a nossa galeria nacional de pinturas ha de por força deparar-se-nos este terrivel dilemma: *ou não estabelecer a ventilação* o que é absurdo, *ou estabelecendo-a alimenta-la com o ar que já do exterior vem viciado.*

«Em vista pois do que temos a honra de expor, o unico remedio é a construcção de uma nova sala, em sitio apropriado, que reuna todas as condições que demanda a hygiene dos quadros.

«O estado financeiro pouco prospero do nosso paiz parece á primeira vista negar a utilidade palpitante de tal construcção; se considerarmos porém que a economia bem entendida é tambem o conservar as riquezas que um paiz possue, não se poderá negar que esta necessidade é uma das mais urgentes que os poderes publicos têem a tratar.

. . . .

«A commissão, apresentando a v. ex.ª o resultado da sua inspecção, solicita com empenho a construcção de uma nova galeria.

«A falta de recursos dos cofres da fazenda, ou outros quaesquer motivos, adiarão talvez esta exigencia para momentos mais op-

portunos; o corpo de professores da academia real de bellas artes de Lisboa parece-lhe porém que deve cessar a sua responsabilidade desde o momento em que tão ardentemente solicitou prompto remedio.

«A par da responsabilidade e dos deveres do homem publico está no artista o amor pela arte e pelos seus monumentos: é esse sentimento que nos impelle a de novo solicitar do esclarecido governo de Sua Magestade remedio para o mal que nos ameaça, e que póde dentro em poucos mezes tornar-se inefficaz.

«Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 21 de dezembro de 1868.= *Francisco de Assis Rodrigues*, presidente=*João Pires da Fonte*=*Miguel Angelo Lupi*=*João Christino da Silva*=*Thomás José da Annunciação*=*Alfredo Augusto da Costa Camarate*, relator=*Antonio Augusto de Aguiar*.»

Este relatorio teve o resultado que têem quasi todos os relatorios. Provocou algumas correspondencias officiaes; fallaram n'elle dois dias os periodicos, mas infelizmente não trouxe o remedio que tão urgente era. Apesar das repetidas instancias, que até hoje não descontinuaram, tudo permaneceu como estava.

Póde continuar assim; é porém certo que n'uma epocha mais ou menos proxima, quando se quizer seriamente organisar uma galeria, procurar-se-hão os quadros que formavam o museu de pinturas, e encontrar-se-hão montões de tábuas carunchosas e fragmentos de télas podres.

Parecerá rude esta linguagem, mas é verdadeira, como facilmente póde averigua-lo quem quizer. Os quadros que hoje temos na chamada galeria de Lisboa não valerão menos de réis 500:000$000, se é que póde dar-se valor a muitas obras de arte insubstituiveis, como são as pinturas gothicas. É bem pois que todos saibam, todos, governo, camaras, publico, academias, artistas e amadores, que todos saibamos que o resultado da nossa negligencia ou da nossa indifferença é empobrecermos a nação de valor, que mesmo commercialmente encarado, não é de desprezar.

Por um lado o desleixo com que olhâmos os objectos de arte dispersos por todo o paiz, e que impunemente deixâmos roubar ou destruir; pelo outro o descuido com que tratâmos os que haviam logrado entrar nos museus, causam não pequena diminuição na riqueza publica.

Um paiz não é só rico dos seus caminhos de ferro, das suas estradas, dos seus bancos; no seu activo devem ainda entrar os monumentos que produziu o genio do homem, e entre estes occupam eminente logar as creações artisticas. Possui-las é sem duvida uma gloria; mas conserva-las é indubitavelmente um dever.

VI

CONCLUSÃO

É certo que sem alguma despeza não é possivel attender ás variadissimas necessidades que rapidamente apontei. No orçamento do Estado faltam verbas para as escolas locaes de desenho applicado á industria; para o pessoal e custeio dos museus centraes, provinciaes e locaes; para a conservação dos monumentos historicos; para os trabalhos archeologicos; para o pessoal administrativo, por mais diminuto que seja, que indispensavelmente tem de superintender estes publicos serviços. Não ha verbas para tudo isso, e é preciso crea-las, se quizermos melhorar o lamentavel estado que deixei resumidamente descripto. Um certo augmento de despeza é pois inevitavel. Não ha economia possivel onde faltam os mais indispensaveis recursos. É preciso dize-lo franca e desassombradamente.

No presente trabalho procurei justificar a necessidade das despezas que ha a pedir ao paiz. Não as negarão por certo os representantes da nação quando lhes pozermos diante dos olhos o triste quadro cujas linhas principaes tentei esboçar.

Hoje o paiz despende com as duas academias a verba annual de 17:000$000 réis; para as cadeiras de desenho nos lyceus ha

no orçamento a verba de 6:300$000 réis. A estas diminutas sommas se reduz a despeza com o ensino. Com os museus e archeologia nada se gasta. Para os monumentos historicos ha a mesquinha verba já apontada. N'estes acanhados limites se confrange o sacrificio que Portugal faz annualmente com todo o seu serviço artistico e archeologico.

Não póde por certo pedir-se que este serviço seja desde já dotado com a largueza que requer a sua importancia; mas póde e deve pedir-se que, dentro dos precinctos de rasoavel economia, sejam auctorisadas as indispensaveis despezas. Assim talvez fosse possivel encontrar na capital um edificio que podesse ser apropriado para os museus centraes, sem necessidade de levantar espressamente uma construcção para tal destino. As dotações para custeio dos museus e conservação dos monumentos podem por emquanto ser modestas; o pessoal limitado ao estrictamente necessario; a direcção central do ensino, dos museus, dos monumentos e da archeologia concentrada n'uma só repartição.

Por outro lado os municipios poderiam carregar com parte da despeza das escolas e museus locaes e provinciaes. No desenvolvimento das industrias, e portanto da riqueza encontrariam sufficiente compensação para o sacrificio que se lhes pedisse.

Tenho para mim que o orçamento total de uma nova organisação, tal como em resumo a deixei esboçada, não excederia muito a cifra com que em 1836 foram dotadas as academias de Lisboa e Porto, e que era para ambas de 32:400$000 réis, juntamente com as que estão auctorisadas hoje para as cadeiras de desenho dos lyceus e para os pensionarios.

Em epocha de tão rasgado progresso como a nossa, não será taxado do prodigo quem limitar as suas aspirações a pedir que n'um orçamento de receita de 20.000:000$000 réis se consignem verbas que não foram tidas na conta de exageradas n'um orçamento cuja receita não chegava a 10.000:000$000 réis.

Na presente quadra em que o paiz tanto se tem desenvolvido, que a riqueza publica tanto tem augmentado, que a industria

tende todos os dias a crescer, que vivemos ha tantos annos em plenissima paz, hoje não sejamos mais mesquinhos do que o foi Passos Manuel quando ao terminar a guerra pela liberdade, exhausto o paiz pela lucta de seis annos, sem industria, e quasi sem commercio, não hesitou o grande estadista em decretar a fundação d'estas escolas, que ainda hoje são o unico padrão erguido ás artes em Portugal.

Lisboa, 21 de novembro de 1875.

INDICE

Aviso da commissão III
Decreto nomeando a commissão para a reforma do ensino das bellas artes nas duas academias de Lisboa e Porto, etc. IV
Extracto da acta da sessão de 6 de dezembro de 1875 1
I — **Ensino** 3
1 **Academia de Lisboa** 3
Curso de desenho 4
Aulas superiores 4
Architectura 4
Esculptura 5
Pintura de figura 6
Pintura de paizagem 6
Gravura a talho doce 6
Exames e premios 6
Gravura em madeira 7
Aulas supprimidas 7
Pensionarios 7
2 **Academia portuense de bellas artes** 7
Pensionarios 8
3 **Institutos industriaes de Lisboa e Porto** 8
4 **Cadeiras de desenho junto á faculdade de mathematica na universidade de Coimbra, e ás escolas polytechnicas** 8
5 **Cadeiras nos lyceus** 9
O que hoje são 9
O que deveriam ser 9
6 **Ensino das artes applicado á industria** 10
O que temos 10
O que deveriamos ter 12
Este ensino n'outros paizes 13
Conveniencia d'este ensino 13
7 **Pessoal** 20
Professorado 20
Empregados 21
Academicos 21

Aggregados 21
8 Considerações geraes 22
Ensino secundario e superior 22
Ensino ás classes fabris 22
Inspecção e emulação 23
Ensino primario 23
Aulas para mulheres 23
Direcção central 24
Academia 24
Pensionarios 24
Despeza 25
Acquisição de obras 25
Construcções 26
Exposições 26
II — Museus e collecções 27
O que temos 27
Museu de pintura 29
Museu de esculptura 30
Museu de desenhos 31
Museu de gravuras 31
Museu de architectura 31
Museus de arte industrial 32
Museu de archeologia 33
Bibliotheca 35
Officinas annexas 36
Museus provinciaes 36
Museus locaes de arte industrial 38
Museus temporarios 40
III — Monumentos historicos 41
O que temos 41
Castellos 42
Igrejas 42
Restauros 43
Monumentos de esculptura 43
O que nos falta 45
IV — Archeologia 47
Necessidade d'este serviço 47
Factos 47
V — Edificio para museus 49
O que temos 49
Inconvenientes do actual edificio 49
VI — Conclusão 54

Preço em qualquer terra do reino para onde possa ser enviado pelo correio:

RÉIS 100

Vende-se em **Lisboa** na academia real de bellas artes e nas lojas de livros de Matos Moreira & C.ª e de Silva Junior na praça de D. Pedro, de [illegible] J. Rodrigues e Ferreira Lisboa na rua do Oiro, de Campos e A. M. Pereira, na rua Augusta, e de A. Ferin, na rua Nova do Almada.

Os pedidos para as provincias e Brazil podem ser feitos aos srs. Matos Moreira & C.ª ou a seus correspondentes, abaixo designados:

Bahia, Alves & Filhos e Silva Moreira & Sousa — **Beja**, Antonio Roman Navarro — **Braga**, Eugenio Chardron e Joaquim José Vieira da Rocha — **Castello Branco**, Nicolau Casqueiro — **Coimbra**, Manuel de Paula e Silva, Imprensa Litteraria, J. Melchiades Ferreira dos Santos, Almeida Junior, Severo & Irmãos e José de Mesquita — **Elvas**, Luiz Antonio Gonçalves — **Evora**, Arnaldo Antonio Peixoto e Antonio Jacinto Vilhalva — **Faro**, Manuel José Placido da Silva Negrão — **Guimarães**, J. A. Teixeira de Freitas Guimarães e Pedro Lopes Guimarães — **Ilha de S. Miguel**, Benjamim Ferin — **Lamego**, José Cardoso — **Macau**, Carlos José Caldeira Junior — **Montevideu**, Mariano Arellano — **Olhão**, A. A. Xavier de Lima Junior — **Pará**, Tavares Cardoso & C.ª — **Penafiel**, João Rodrigues de Azevedo — **Peniche**, Joaquim José Tavares — **Pernambuco**, Silva Cardoso & Pessoa — **Porto**, em casa de E. da Costa Santos, rua do Captivo e nas livrarias Chardron, Moré, Magalhães & Moniz, Cruz Coutinho e Central — **Rio de Janeiro**, A. A. Lopes do Couto — **Santarem**, Pedro Antonio Monteiro — **Serpa**, João Maria Brandão — **Setubal**, José Maria dos Santos — **Silves**, Joaquim Alberto Ferreira Pinto Basto — **Tavira**, Jordão José Cansado — **Thomar**, Candido Rodrigues da Silva — **Vizeu**, Henrique F. de Lemos — **Vianna do Castello**, João B. Domingues — **Vidigueira**, Joaquim A. da Rosa Figueira.